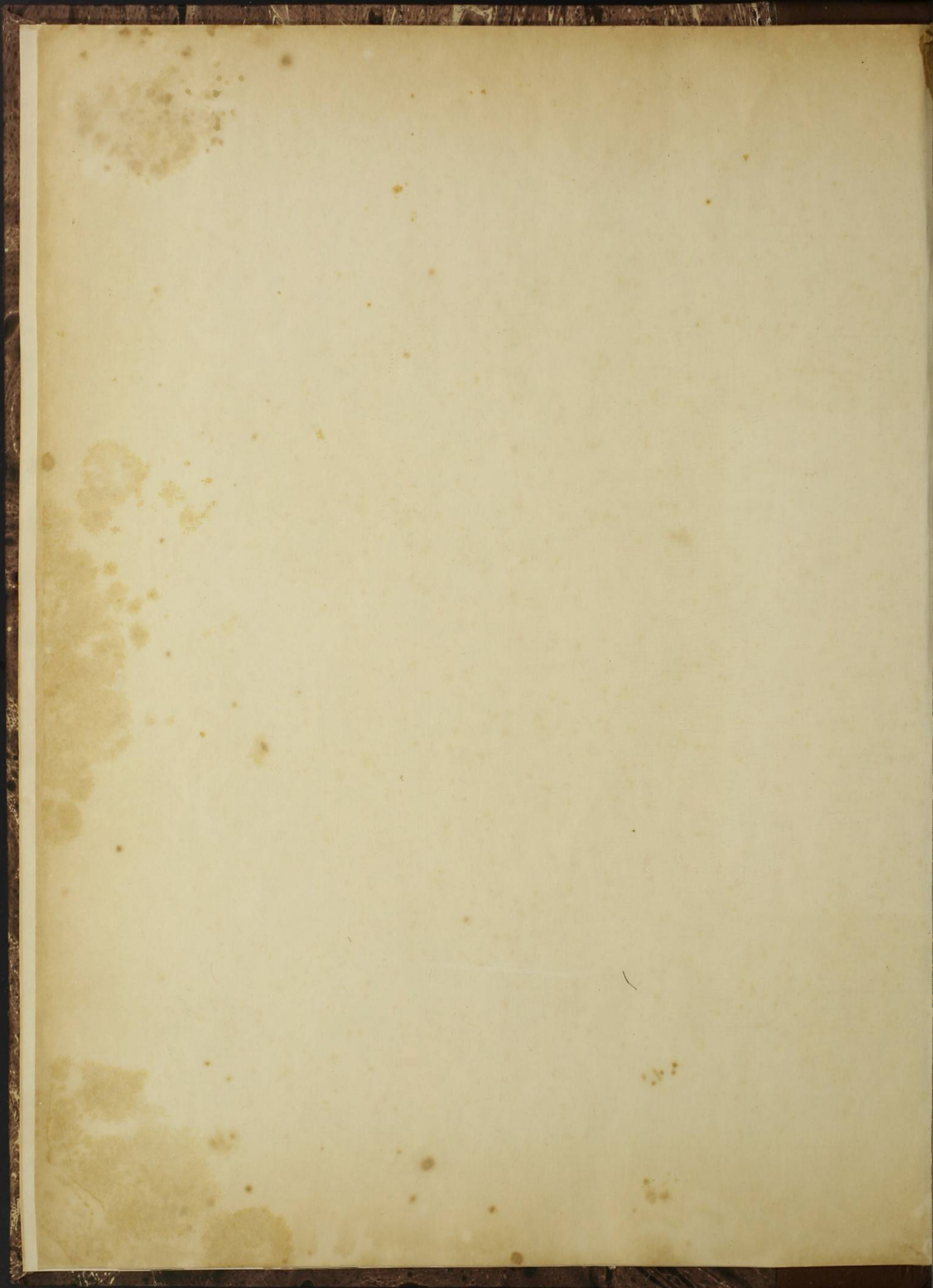




le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Graciliano Ramos

7
7024125
Standa, 60

**HISTÓRIAS
VERDADEIRAS**



VITÓRIA

Capa e ilustrações de

PERCY DEANE

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

Rua do Carmo 6 — s/1306

RIO DE JANEIRO — 1951

No sertão do Nordeste viveu há muitos anos um homem valente em demasia, chamado Alexandre. Amansava bichos ferozes e facilmente se livrava das mais sérias dificuldades. Possuía uma espingarda que nunca mentiu fogo e alcançava léguas; e como tinha vista aguda e pontaria infalível, realizou com essa arma acções notáveis.

Numerosas proezas foram narradas por êle mesmo, sem falsa modéstia, circulam hoje no interior; e se não figuram em livros, com fortes louvores, é que o nosso herói divergia dos outros heróis: nunca matou gente. Ora, como se sabe, a ocupação normal do herói, desde que o mundo é mundo, sempre foi derramar sangue humano, em guerras, em duelos, em trapalhadas horríveis. Pessoas sabidas se encarregam, na escola e fora dela, de exhibir com arte a grandeza e a beleza de façanhas monstruosas. E afinal, ouvindo e lendo morticínios a vida inteira, somos forçados a admirar Napoleão, Carlos Magno e aquêl medonho Alexandre que marchou para o Oriente, devastou países, abateu povos, desejava engolir o mundo e felizmente morreu cedo.

O Alexandre que agora expomos em letra de fôrma não era dado a leituras — e por isso ignorou completamente os fusuês do Alexandre antigo. Nunca pensou em tomar as terras dos vizinhos. Amante do sossêgo, reunia alguns amigos à noite e, com auxílio da mulher, reconstituía aventuras curiosas, atento aos pormenores, não admitindo que alguém pusesse em dúvida a sua palavra. As narrações dêle apresentam-nos violências realmente, mas violências necessárias, contra porcos do mato, cobras, onças e outros viventes de maus bofes.

Uma única vez a nossa personagem se desaveio com o próximo: no São Francisco, deu vários tabefes num canoeiro, mas êste percebeu

logo que não tinha razão, entregou os pontos — e os dois entraram numa bodega, passaram horas bebendo cachaça, na paz de Deus.

Grande respeito à humanidade, como se vê. E êsse respeito chegava a atingir os animais inofensivos. Alexandre viu certo dia a sua roupa de couro no corpo de uma guariba que fumava cachimbo, trepada num galho. Apontou-lhe a espingarda maravilhosa: “— Ó diabo!” Aí a guariba jogou-lhe os troços e fêz a seguinte proposta: “— Seu Alexandre, vá criar seus filhos, que eu vou criar os meus.” E a sugestão foi bem recebida, pois um bruto que fala, usa vestuário e queima tabaco é mais ou menos cristão.

Enfim Alexandre viveu alheio às desordens, até às desordens gloriosas: não teve notícia de nenhuma delas.

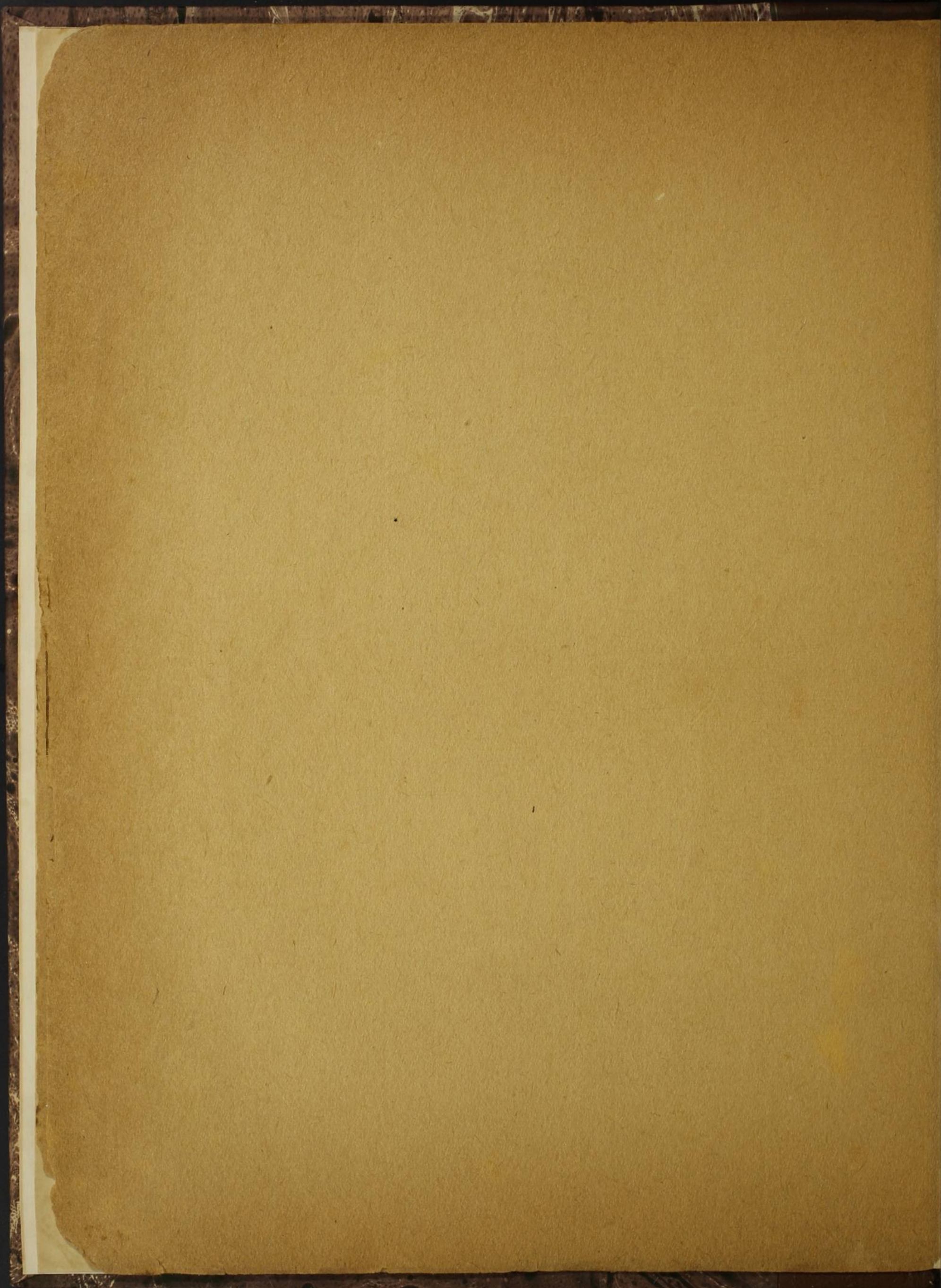
Entre as suas histórias, espalhadas no sertão do Nordeste, o editor escolheu sete. Isto me desagrada: sete, na minha terra, é o número dos mentirosos — e Alexandre não perdeu ensejo de afirmar que os seus casos eram rigorosamente exactos.

Fica, porém, atenuada a insinuação pérfida: Sete histórias verdadeiras. De qualquer modo, seria preferível que se publicassem seis ou oito. Paciência.

Espíritos exigentes acharão talvez aqui alguns exageros. Excesso de rigor. Com boa vontade, chegaremos a esta conclusão: as emprêsas do nosso Alexandre não foram mais inverosímeis que as do outro, o conquistador macedônio.

Graciliano Ramos

Primeira história verdadeira





NAQUELA noite de lua cheia estavam acorados os vizinhos na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o cego prêto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordeduras de cobras. Das Dores, benzedeira de quebranto e afilhada do casal, agachava-se na esteira, cochichando com Cesária.

— Vou contar aos senhores... principiou Alexandre amarrando o cigarro de palha.

Os amigos abriram os ouvidos e Das Dores interrompeu o cochicho:

— Conte, meu padrinho.

Alexandre acendeu o cigarro ao candeeiro de fôlha, escan-
chou-se na rêde e perguntou:

— Os senhores já sabem porque é que eu tenho um olho
torto?

Mestre Gaudêncio respondeu que não sabia e acomodou-se
num cepo que servia de cadeira.

— Pois eu digo, continuou Alexandre. Mas talvez nem
possa escorrer tudo hoje, porque essa história nasce de outra,
e é preciso encaixar as coisas direito. Querem ouvir? Se não que-
rem, sejam francos: não gosto de cacetear ninguém.

Seu Libório cantador e o cego prêto Firmino juraram que
estavam atentos. E Alexandre abriu a torneira:

— Meu pai, homem de boa família, possuía fortuna gros-
sa, como não ignoram. A nossa fazenda ia de ribeira a ribeira,
o gado não tinha conta e dinheiro lá em casa era cama de gato.
Não era, Cesária?

— Era, Alexandre, concordou Cesária. Quando os escravos
se forraram, foi um desmantêlo, mas ainda sobraram alguns
baús com moedas de ouro. Sumiu-se tudo.

Suspirou e apontou desgostosa a mala de couro cru onde
seu Libório se sentava:

— Hoje é isto. Você se lembra do nosso casamento, Ale-
xandre?

— Sem dúvida, gritou o marido. Uma festa que durou sete
dias. Agora não se faz festa como aquela. Mas o casamento foi
depois. É bom não atrapalhar.

— Está certo, resmungou mestre Gaudêncio curandeiro.
É bom não atrapalhar.

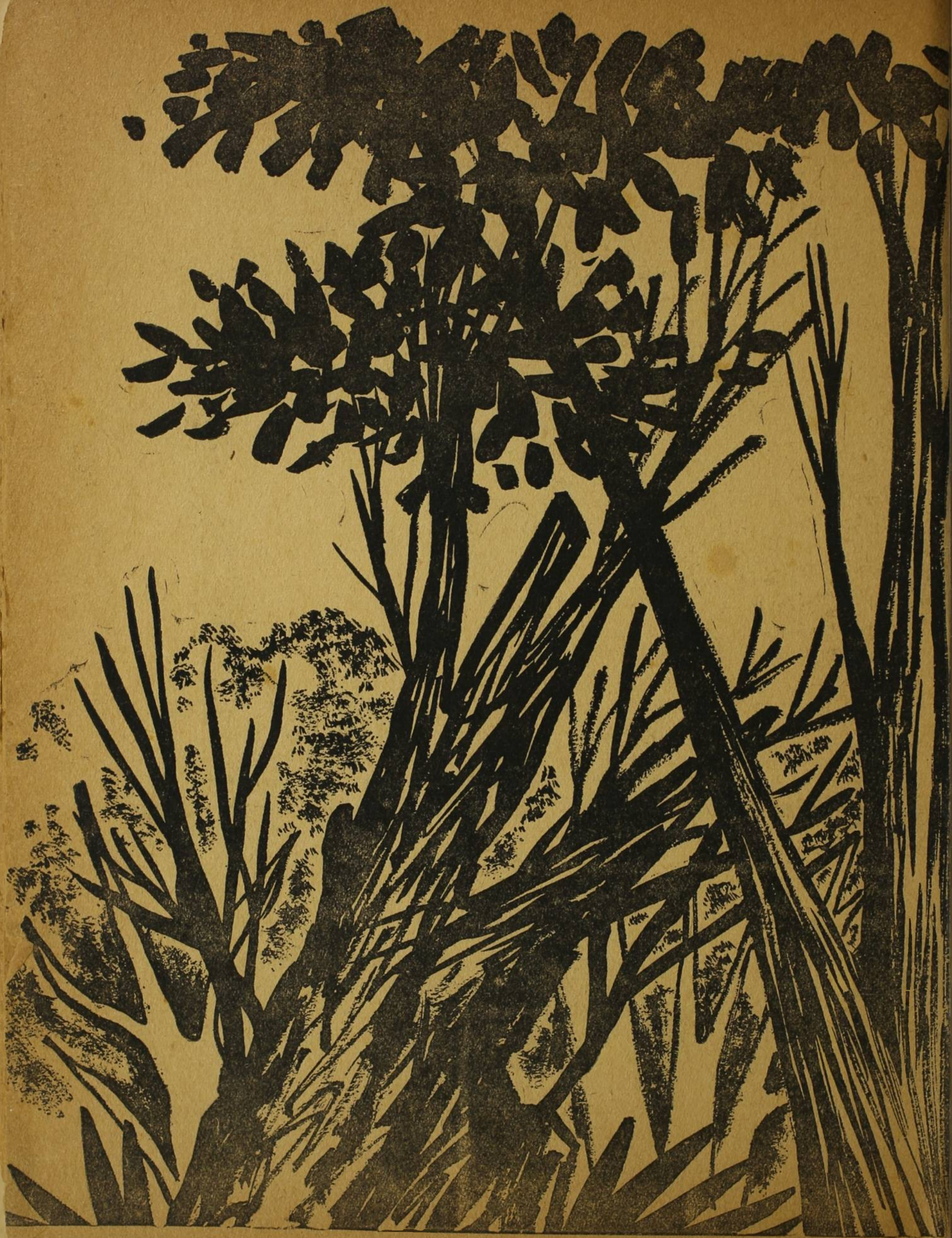
— Então escutem, prosseguiu Alexandre. Um domingo eu
estava no copiar, esgaravatando as unhas com a faca de ponta,
quando meu pai chegou e disse: — “Xandu, você nos seus pas-
seios não achou roteiro da égua pampa?” E eu respondi: — “Não
achei, nhor não”. — “Pois dê umas voltas por aí, torneu meu
pai. Veja se encontra a égua”. — “Nhor sim”. Peguei um ca-
bresto e saí de casa antes do almoço, andei, virei, mexi, pro-
curando rastos nos caminhos e nas veredas. A égua pampa era

um animal que não tinha agüentado ferro no quarto nem sela no lombo. Devia estar braba, metida nas brenhas, com medo de gente. Difícil topar na catinga um bicho assim. Entretido, esqueci o almôço e à tardinha descansei no bebedouro, vendo o gado enterrar os pés na lama. Apareceram bois, cavalos e miunça, mas da égua pampa nem sinal. Anoteceu, um pedaço de lua branqueou os xiquexiques e os mandacarus, e eu me estirei na ribanceira do rio, de papo para o ar, olhando o céu, fui-me amadornando devagarinho, peguei no sono, com o pensamento em Cesária. Não sei quanto tempo dormi, sonhando com Cesária. Acordei numa escuridão medonha. Nem pedaço de lua nem estrelas, só se via o carreiro de Sant'Iago. E tudo calado, tão calado que se ouvia perfeitamente uma formiga mexer nos garanchos e uma fôlha cair. Bacuraus doidos faziam às vezes um barulho grande, e os olhos dêles brilhavam como brasas. Vinha de novo a escuridão, os talos secos buliam, as folhinhas das catingueiras voavam. Tive desejo de voltar para casa, mas o corpo morrinhento não me ajudou. Continuei deitado de barriga para cima, espiando o carreiro de Sant'Iago e prestando atenção ao trabalho das formigas. De repente conheci que bebiam água ali perto. Virei-me, estirei o pescoço e avistei lá em baixo dois vultos malhados, um grande e um pequeno, junto à cêrca do bebedouro. A princípio não pude vê-los direito, mas firmando a vista consegui distingui-los por causa das malhas brancas. — “Vão ver que é a égua pampa, foi o que eu disse. Não é senão ela. Deu cria no mato e só vem ao bebedouro de noite”. Muito ruim o animal aparecer àquela hora. Se fôsse de dia e eu tivesse uma corda, podia laçá-lo num instante. Mas desprevenido, no escuro, levantei-me azuretado, com o cabresto na mão, procurando meio de sair daquela dificuldade. A égua ia escapar, na certa. Foi aí que a idéia me chegou.

— Que foi que o senhor fêz? perguntou Das Dores curiosa.

Alexandre chupou o cigarro, o olho torto arregalado, fixo na parede. Voltou para Das Dores o olho bom e explicou-se:

— Fiz tenção de saltar no lombo do bicho e largar-me com éle na catinga. Era o jeito. Se não saltasse, adeus égua pampa.



E que história ia contar a meu pai? Hem? Que história ia contar a meu pai, Das Dores?

A benzedeira de quebranto não deu palpite, e Alexandre mentalmente pulou nas costas do animal:

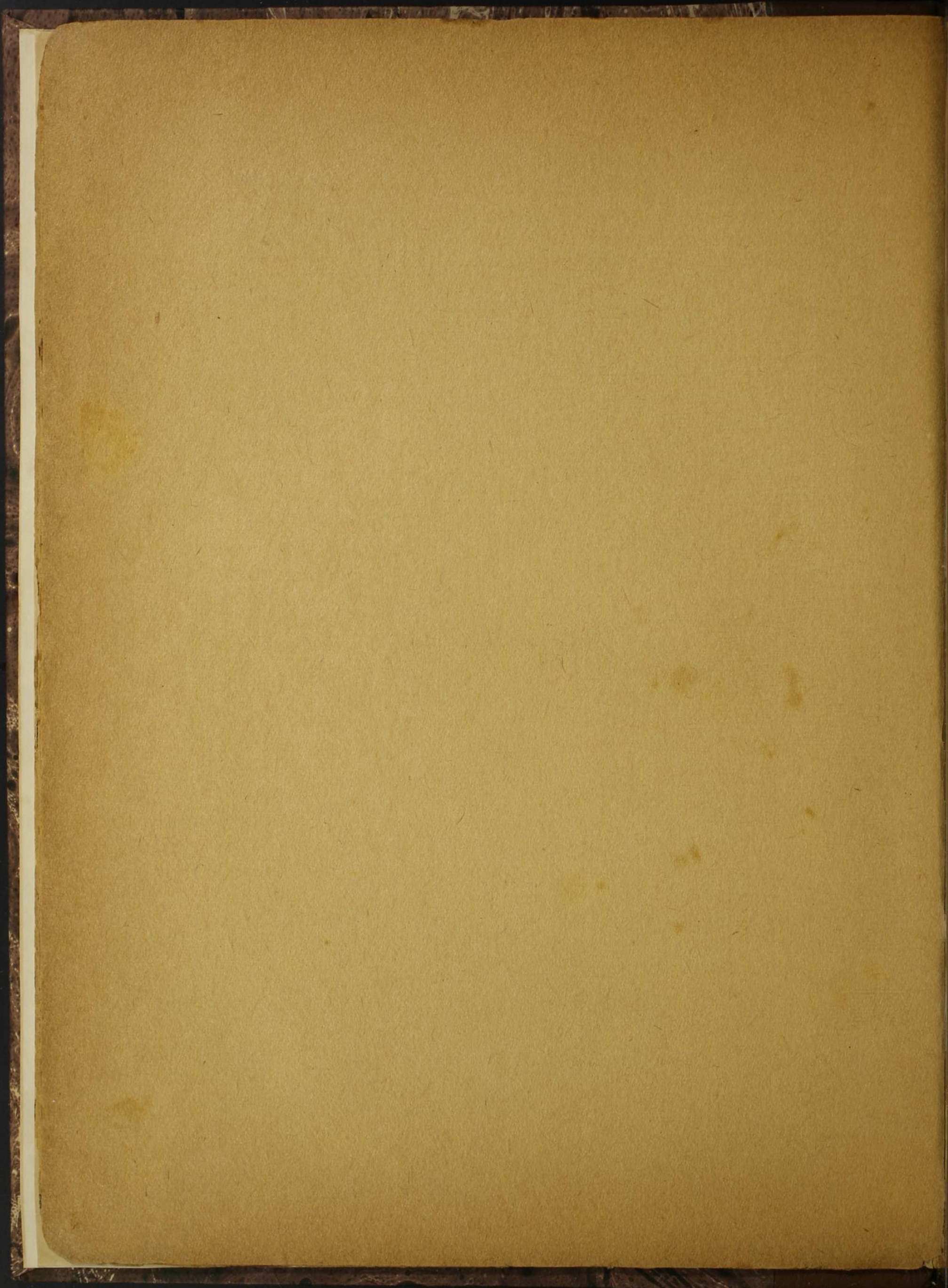
— Foi o que eu fiz. Ainda bem não me tinha resolvido, já estava escanchado. Um desespero, seu Libório, carreira como aquela só se vendo. Nunca houve outra igual. O vento zumbia nas minhas orelhas, zumbia como corda de viola. E eu então . . . Eu então pensava, na tropelia desembestada: — “A cria, miúda, naturalmente ficou atrás e se perde, que não pode acompanhar a mãe, mas esta amanhã está ferrada e arreada”. Passei o cabresto no focinho da bicha e, os calcanhares presos nos vazios, deitei-me, grudei-me com ela, mas antes levei muita pancada de galho e muito arranhão de espinho rasga-beiço. Fui cair numa touceira cheia de espetos, um deles esfolou-me a cara, e nem senti a ferida: num apêrto tão grande não ia ocupar-me com semelhante ninharia. Botei-me para fora dali, a custo, bem maltratado. Não sabia a natureza do estrago, mas pareceu-me que devia estar com a roupa em tiras e o rosto lanhado. Foi o que me pareceu. Escapulindo-se do espinheiro, a diaba ganhou de novo a catinga, saltando bancos de macambira e derrubando paus, como se tivesse azougue nas veias. Fazia um barulhão com as ventas, eu estava espantado, porque nunca tinha ouvido égua soprar daquele jeito. Afinal subjuguei-a, quebrei-lhe as forças e, com puxavantes de cabresto, murros na cabeça e pancadas nos queixos, levei-a para a estrada. Aí ela compreendeu que não valia a pena teimar e entregou os pontos. Acreditam vossemecês que era um vivente de bom coração? Pois era. Com tão pouco ensino, deu para esquipar. E eu, notando que a infeliz estava disposta a aprender, puxei por ela, que acabou na pisa-da baixa e num galopezinho macio em cima da mão. Saibam os amigos que nunca me desoriento. Depois de termos comido um bando de léguas naquele pretume de meter o dedo no ôlho, andando para aqui e para acolá, num rôlo do inferno, percebi que estávamos perto do bebedouro. Sim senhores. Zoada tão grande, um despotismo de quem quer derrubar o mundo — e



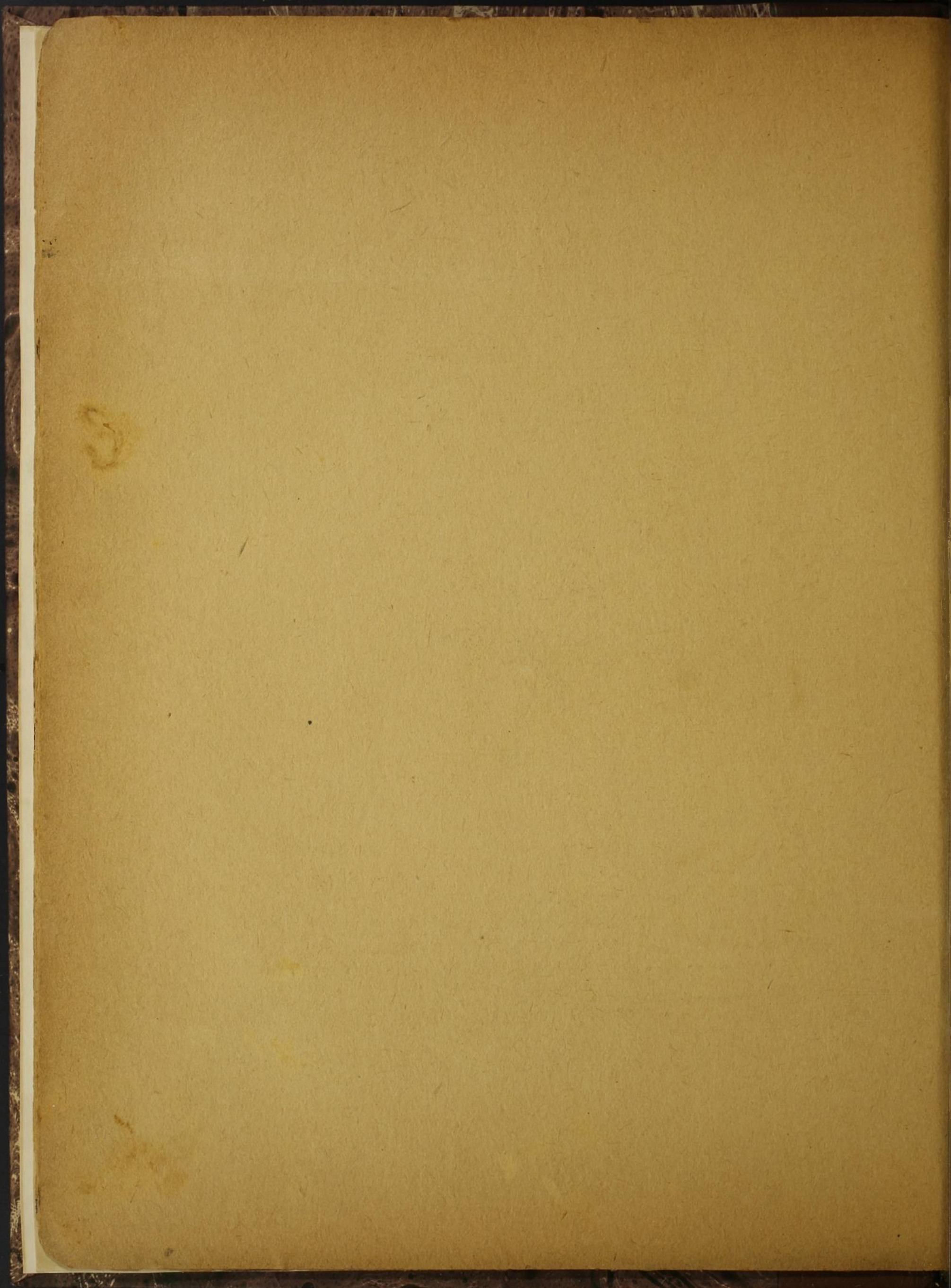
agora a pobre se arrastava quási no lugar da saída, num chouto cansado. Tomei o caminho de casa. O céu se desenferrujou, o sol estava com vontade de aparecer. Um galo cantou, houve nos ramos um rebuliço de penas. Quando entrei no pátio da fazenda, meu pai e os negros iam começando o ofício de Nossa Senhora. Apeei-me, fui ao curral, amarrei o animal no mourão, cheguei-me a casa, sentei-me no copiar. A reza acabou lá dentro, e ouvi a fala de meu pai: — “Vocês não viram por aí o Xandu?” — “Estou aqui, nhor sim, respondi cá de fora”. — “Homem, você me dá cabelos brancos, disse meu pai abrindo a porta. Desde ontem sumido!” — “Vossemecê não me mandou procurar a égua pampa?” — “Mandei, tornou o velho. Mas não mandei que você dormisse no mato, criatura dos meus pecados. E achou roteiro dela?” — “Roteiro não achei, mas vim montado num bicho. Talvez seja a égua pampa, porque tem malhas. Não sei, nhor não, só se vendo. O que sei é que é bom de verdade: com umas voltas que deu ficou pisando baixo, meio e galope. E parece que deu cria: estava com outro pequeno”. Aí a barra apareceu, o dia clareou. Meu pai, minha mãe, os escravos e meu irmão mais novo, que depois vestiu farda e chegou a tenente de polícia, foram ver a égua pampa. Foram, mas não entraram no curral: ficaram na porteira, olhando uns para os outros, lesos, de bôca aberta. E eu também me admirei, pois não.

Alexandre levantou-se, deu uns passos e esfregou as mãos, parou em frente de mestre Gaudêncio, falando alto, gesticulando:

— Tive mêdo, vi que tinha feito uma doidice. Vossemecês adivinham o que estava amarrado no mourão? Uma onça pintada, enorme, da altura de um cavalo. Foi por causa das pintas brancas que eu, no escuro, tomei aquela desgraçada pela égua pampa.



O olho torto de Alexandre





E SSE caso que vossemecê escorreu é uma beleza, seu Alexandre, opinou seu Libório. E eu fiquei pensando em fazer dêle uma cantiga para cantar na viola.

— Boa idéia, concordou o cego prêto Firmino. Era o que seu Libório devia fazer, que tem cadência e sabe o negócio. Mas aí, se me dão licença . . . Não é por querer falar mal, não senhor.

— Diga, seu Firmino, convidou Alexandre.

— Pois é, tornou o cego. Vossemecê não se ofenda, eu não gosto de ofender ninguém. Mas nasci com o coração perto da goela. Tenho culpa de ter nascido assim? Quando acerto num caminho, vou até topar.

— Destampe logo, seu Firmino, resmungou Alexandre enjoadado. Para que essas nove-horas?

— Então, como o dono da casa manda, lá vai tempo. Essa história da onça era diferente a semana passada. Seu Alexandre já montou na onça três vezes, e no princípio não falou no espinheiro.

Alexandre indignou-se, engasgou-se, e quando tomou fôlego, desejou torcer o pescoço do negro:

— Seu Firmino, eu moro nesta ribeira há um bando de anos, todo o mundo me conhece, e nunca ninguém pôs em dúvida a minha palavra.

— Não se aperreie não, seu Alexandre. É que há umas novidades na conversa. A moita de espinho apareceu agora.

— Mas, seu Firmino, replicou Alexandre, é exactamente o espinheiro que tem importância. Como é que eu me iria esquecer do espinheiro? A onça não vale nada, seu Firmino, a onça é uma coisa à-toa. Onças de bom gênio há muitas. O senhor nunca viu? Ah! Desculpe, nem me lembrava de que o senhor não enxerga. Pois nos circos há onças bem ensinadas, foi o que me garantiu meu mano mais novo, homem sabido, tão sabido que chegou a tenente de polícia. Acho até que as onças tôdas seriam mansas como carneiros, se a gente tomasse o trabalho de botar os arreios nelas. Vossemecê pensa de outra forma? Então sabe mais que meu irmão tenente, pessoa que viajou nas cidades grandes.

Cesária manifestou-se:

— A opinião de seu Firmino mostra que êle não é traquejado. Quando a gente conta um caso, conta o principal, não vai esmiüçar tudo.

— Certamente, concordou Alexandre. Mas o espinheiro eu não esqueci. Como é que havia de esquecer o espinheiro, uma coisa que influíu tanto na minha vida?

Aí Alexandre, magoado com a objecção do negro, declarou aos amigos que ia calar-se. Detestava exageros, só dizia o que se tinha passado, mas como na sala havia quem duvidasse dêle, metia a viola no saco. Mestre Gaudêncio curandeiro e seu Li-

bório cantador procuraram com bons modos resolver a questão, juraram que a palavra de seu Alexandre era uma escritura, e o cego prêto Firmino desculpou-se rosnando.

— Conte, meu padrinho, rogou Das Dores.

Alexandre resistiu meia hora, cheio de melindres, e voltou às boas.

— Está bem, está bem. Como os amigos insistem . . .

Cesária levantou-se, foi buscar uma garrafa de cachimbo e uma xícara. Beberam todos, Alexandre se desanuviou e falou assim:

— Acabou-se. Vou dizer aos amigos como arranjei êste defeito no olho. E aí seu Firmino há-de ver que eu não podia esquecer o espinheiro, está ouvindo? Prestem atenção, para não me virem com perguntas e razões como as de seu Firmino. Ora muito bem. Naquele dia, quando o pessoal lá de casa cobrou a fala, depois do susto que a onça tinha causado à gente, meu pai reparou em mim e botou as mãos na cabeça: — “Valha-me Nossa Senhora. Que foi que lhe aconteceu, Xandu?” Fiquei meio bêsta, sem entender o que êle queria dizer, mas logo percebi que todos se espantavam. Devia ser por causa da minha roupa, que estava uma lástima, completamente esmolambada. Imaginem. Voar pela capueira no escuro, trepado naquele demônio! Mas a admiração de meu pai não era por causa da roupa não. — “Que é que você tem na cara, Xandu?” perguntou êle agoniado. Meu irmão tenente (que naquele tempo ainda não era tenente) me trouxe um espelho. Uma desgraça, meus amigos, nem queiram saber. Antes de me espiar no vidro, tive uma surprêsa: notei que só distinguia metade das pessoas e das coisas. Era extraordinário. Minha mãe estava diante de mim, e, por mais que me esforçasse, eu não conseguia ver todo o corpo dela. Meu irmão me aparecia com um braço e uma perna, e o espelho que me entregou estava partido pelo meio, era um pedaço de espelho. — “Que trapalhada será esta?” disse comigo. E nada de atinar com a explicação. Quando me vi no caco de vidro é que percebi o negócio. Estava com o focinho em miséria: arranhado, lanhado, cortado, e o pior é que o olho esquerdo

tinha levado sumiço. A princípio não abarqueei o tamanho do desastre, porque só avistava uma banda do rosto. Mas virando o espelho, via o outro lado, enquanto o primeiro se sumia. Tinha perdido o olho esquerdo, e era por isso que enxergava as coisas incompletas. Baixei a cabeça, triste, assuntando na infelicidade e procurando um jeito de me curar. Não havia curandeiro nem rezador que me endireitasse, pois mezinha e reza servem pouco a uma criatura sem olho, não é verdade, seu Gaudêncio? Minha família começou a fazer perguntas, mas eu estava zozzo, sem vontade de conversar, e saí dali, fui-me encostar num canto da cêrca do curral. Com a ligeireza da carreira, nem tinha sentido as esfoladuras e o golpe medonho. Como é que eu podia saber o lugar da desgraça? Calculei que devia ser o espinheiro e logo me veio a idéia de examinar a coisa de perto. Saltei no lombo de um cavalo e larguei-me para o bebedouro, daí ganhei o mato, acompanhando o rasto da onça. Caminhei, caminhei, e enquanto caminhava ia-me chegando uma esperança. Era possível que não estivesse tudo perdido. Se encontrasse o meu olho, talvez êle pegasse de novo e tapasse aquêle buraco vermelho que eu tinha no rosto. A vista não ia voltar, certamente, mas pelo menos eu arrumaria boa figura. À tardinha cheguei ao espinheiro, que logo reconheci, porque, como os senhores já sabem, a onça tinha caído dentro dêle e havia ali um estrago feio: galhos rebentados, o chão coberto de fôlhas, cabelos e sangue nas cascas do pau. Enfim um sarapatel brabo. Apeei-me e andei uma hora caçando o diacho do olho. Trabalho perdido. E já estava desanimado, quando o infeliz me bateu na cara de supetão, murcho, sêco, espetado na ponta de um garrancho, todo coberto de môscas. Peguei nêle com muito cuidado, limpei-o na manga da camisa para tirar a poeira, depois encaixei-o no buraco vazio e ensangüentado. E foi um espanto, meus amigos, ainda hoje me arrepio. Querem saber o que aconteceu? Vi a cabeça por dentro, vi os miolos, e nos miolos muito brancos as figuras das pessoas em que eu pensava naquele momento. Sim senhores, vi meu pai, minha mãe, meu irmão tenente, os negros, tudo miüdinho, do tamanho de caroços de mi-



lho. É verdade. Baixando a vista, percebi o coração, as tripas, o bofe, nem sei que mais. Assombrei-me. Estaria malucando? Enquanto enxergava o interior do corpo, via também o que estava fora, as catingueiras, os mandacarus, o céu e a moita de espinhos, mas tudo isso aparecia cortado, como já expliquei: havia apenas uma parte das plantas, do céu, do coração, das tripas, das figuras que se mexiam na minha cabeça. Reflectindo, consegui adivinhar a razão daquele milagre: o olho tinha sido colocado pelo avêso. Compreendem? Colocado pelo avêso. Por isso apanhava os pensamentos, o bofe e o resto. Tenho rolado por êste mundo, meus amigos, assisti a muita embrulhada, mas essa foi a maior de tôdas, não foi, Cesária?

— Foi, Alexandre, respondeu Cesária levantando-se e acendendo o cachimbo de barro no candeeiro. Essa foi diferente das outras.

— Pois é, continuou Alexandre. Só havia metade das nuvens, metade dos urubus que voavam nelas, metade dos pés de pau. E do outro lado metade do coração, que fazia tuque, tuque, tuque, metade das tripas e do bofe, metade de meu pai, de minha mãe, de meu irmão tenente, dos negros e da onça, que funcionavam na minha cabeça. Meti o dedo no buraco do rosto, virei o olho e tudo se tornou muito direito, sim senhores. Aquêles troços do interior se sumiram, mas o mundo verdadeiro ficou mais perfeito que antigamente. Quando me vi no espelho, depois, é que notei que o olho estava torto. Valia a pena consertá-lo? Não valia, foi o que eu disse comigo. Para que bulir no que está quieto? E acreditem vossemecês que êste olho atravessado é melhor que o outro.

Alexandre bocejou, estirou os braços e esperou a aprovação dos ouvintes. Cesária balançou a cabeça, Das Dores bateu palmas e seu Libório felicitou o dono da casa:

— Muito bem, seu Alexandre, o senhor é um bicho. Vou botar essas coisas em cantoria. O olho esquerdo melhor que o direito, não é, seu Alexandre?

— Isso mesmo, seu Libório. Vejo bem por êle, graças a Deus. Vejo até de mais. Um dia dêstes apareceu um veado ali no monte . . .

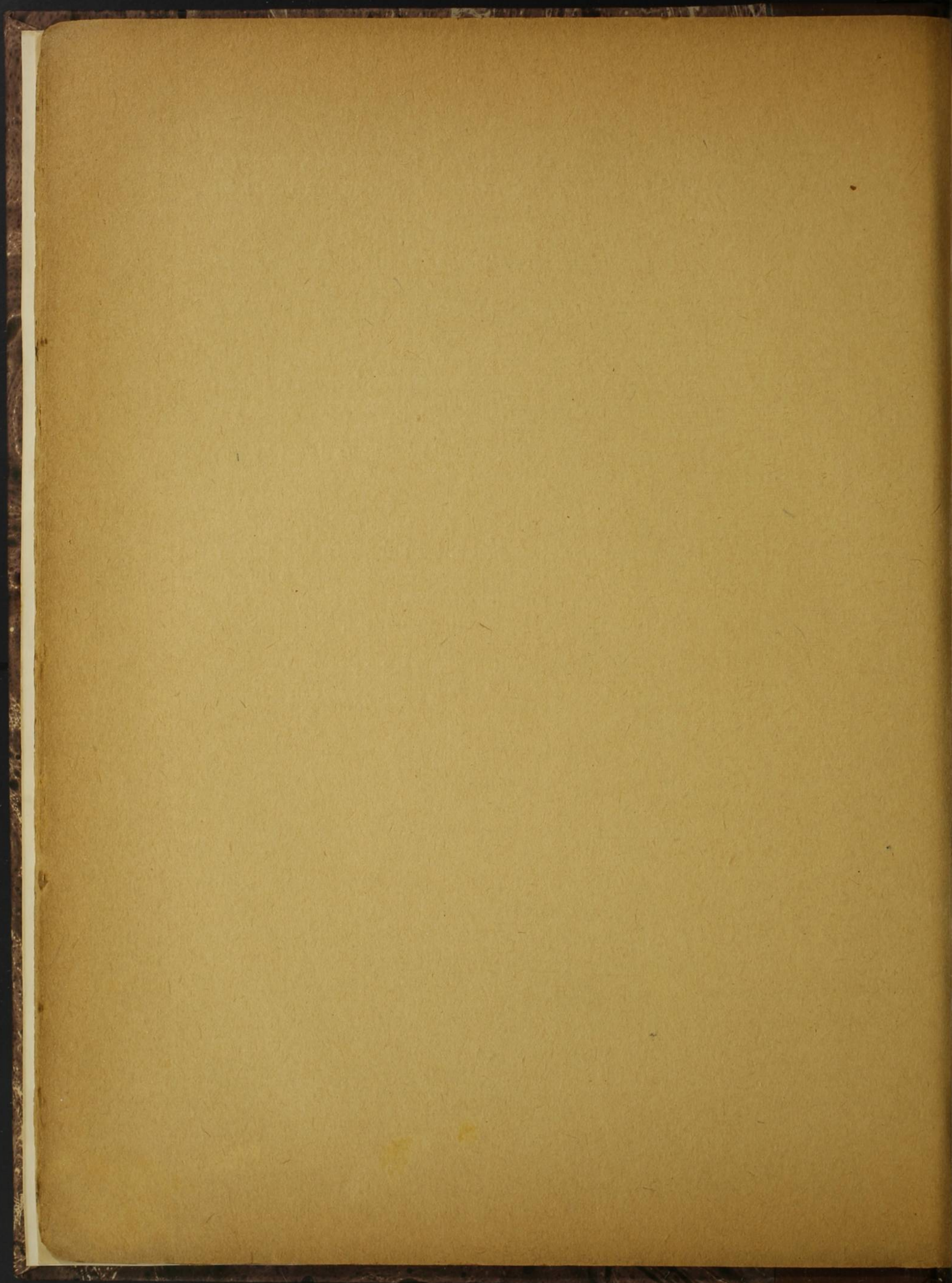
O cego prêto Firmino interrompeu-o:

— E a onça? Que fim levou a onça que ficou prêsa no mouro, seu Alexandre?

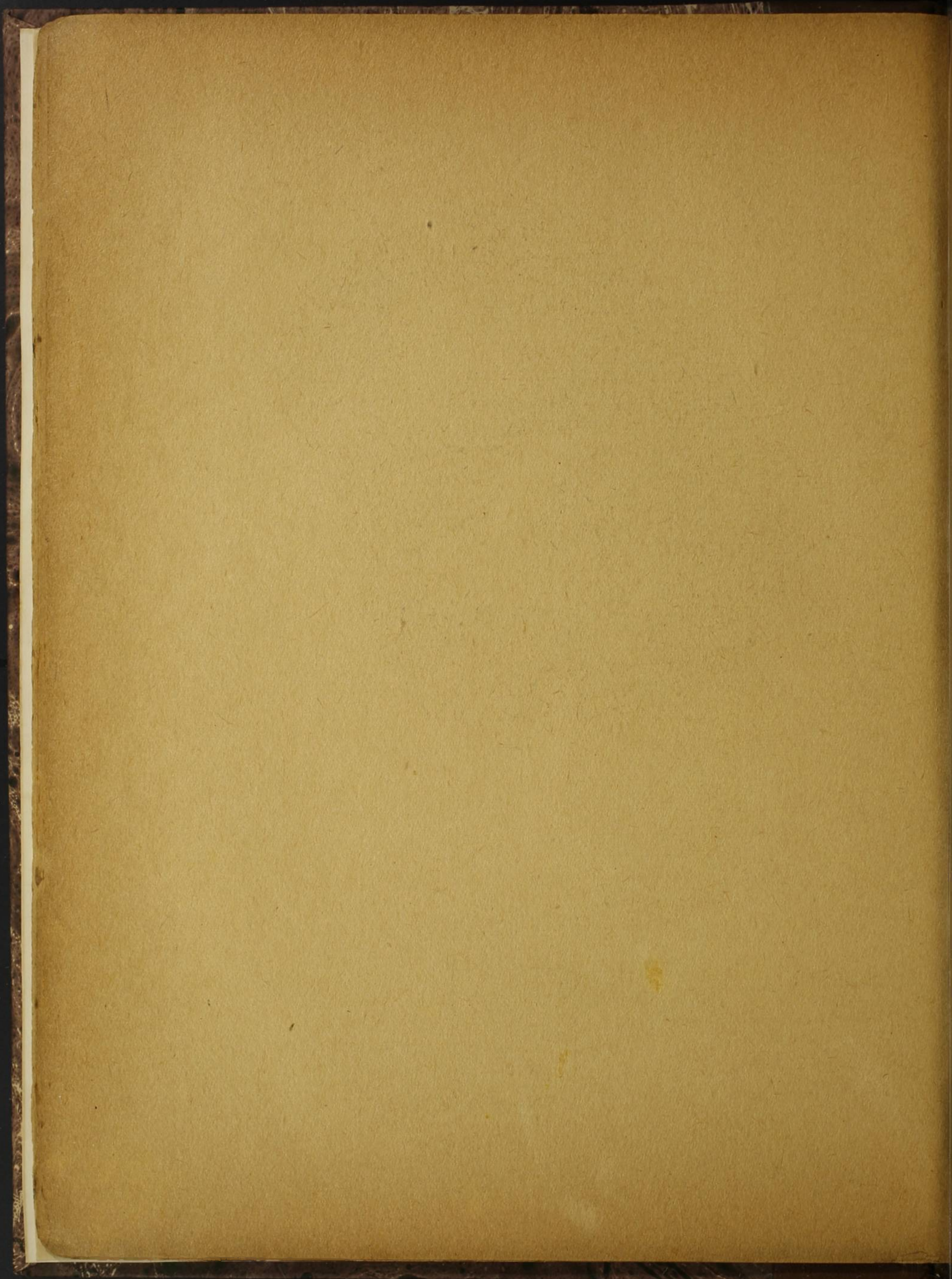
Alexandre enxugou a testa suada na varanda da rêde e explicou-se:

— É verdade, seu Firmino, falta a onça. Ia-me esquecendo dela. Ocupado com um caso mais importante, larguei a pobre. A onça misturou-se com o gado, no curral, mas começou a entristecer e nunca mais fêz acção. Só se dava bem comendo carne fresca. Tentei acostumá-la a outra comida, sabugo de milho, caroço de algodão. Coitada. Estranhou a mudança e perdeu o apetite. Por fim ninguém tinha medo dela. E a bicha andava pelo pátio banzeira, com o rabo entre as pernas, o focinho no chão. Viveu pouco. Finou-se devagarinho, no chiqueiro das cabras, junto do bode velho, que fêz boa camaradagem com a infeliz. Tive pena, seu Firmino, e mandei curtir o couro dela, que meu irmão tenente levou quando entrou na polícia. Perguntem a Cesária.

— Não é preciso, respondeu seu Libório cantador. Essa história está muito bem amarrada. E a palavra de seu Alexandre é um evangelho.



O estribo de prata





ESTE caso se deu, começou Alexandre, um dia em que fui visitar meu sogro, na fazenda dêle, três léguas distante da nossa. Já contei aos senhores que os arreios do meu cavalo eram de prata.

— De ouro, gritou Cesária.

— Estou falando nos de prata, Cesária, respondeu Alexandre. Havia os de ouro, é certo, mas êstes só serviam nas festas. Ordinariamente eu montava numa sela com embutidos de prata. As esporas, as argolas da cabeçada e as fivelas dos loros eram também de prata. E os estribos, areados, faiscavam como espe-

lhos. Pois sim senhores, eu tinha ido visitar meu sogro, o que fazia uma ou duas vezes por mês. Almocei com êle e passámos o dia conversando em política e negócios. Foi aí que ficou resolvida a minha primeira viagem ao sul, onde me tornei conhecido e ganhei dinheiro. Acho que me referi a uma delas. Adquiri um papagaio . . .

— Por quinhentos e tantos mil-réis, disse mestre Gaudêncio. Já sabemos. Um papagaio que morreu de fome.

— Isso mesmo, seu Gaudêncio, prosseguiu o narrador, o senhor tem boa memória. Muito bem. Passei o dia com meu sogro, à tarde montámos a cavalo, percorremos a vazante, as plantações e os currais. Justei e comprei cem bois de era, despedi-me do velho e tomei o caminho de casa. Ia principiando a escurecer, mas não escureceu. Enquanto o sol se punha, a lua cheia aparecia, uma lua enorme e vermelha, de cara ruim, dessas que anunciam infelicidade. Um cachorro na beira do caminho uivou desesperado, o focinho para cima, farejando miséria. — “Cala a bôca, diabo”. Bati nêle com o bico da bota, esporeei o cavalo e tudo ficou em silêncio. Depois de um galope curto, ouvi de novo os uivos do animal, uns uivos compridos e agoureiros. Não sou homem que trema à toa, mas aquilo me arrepiou e deu-me um batecum forte no coração. Havia no campo uma tristeza de morte. A lua crescia muito limpa, tinha lambido tôdas as nuvens, estava com intenção de ocupar metade do céu. E cá em baixo era um sossêgo que a gemedeira do cachorro tornava medonho. Benzi-me, rezei baixinho uma oração de sustância e disse comigo: — “Está-se preparando uma desgraça neste mundo, minha Nossa Senhora”. Afastei-me dali, os gritos de agouro sumiram-se, avizinhei-me de casa pensando em desastres e olhando aquela claridade que tingia os xiquexiques e os mandacarus. De repente, quando mal me precatava, senti uma pancada no pé direito. Puxei a rédea, parei, ouvi um barulho de guizo, virei-me para saber de que se tratava e avistei uma cascavel assanhada, enorme, com dois metros de comprimento.

— Dois metros, seu Alexandre? inquiriu o cego prêto Firmino. Talvez seja muito.

— Espere, seu Firmino, bradou Alexandre zangado. Quem viu a cobra foi o senhor ou fui eu?

— Foi o senhor, confessou o negro.

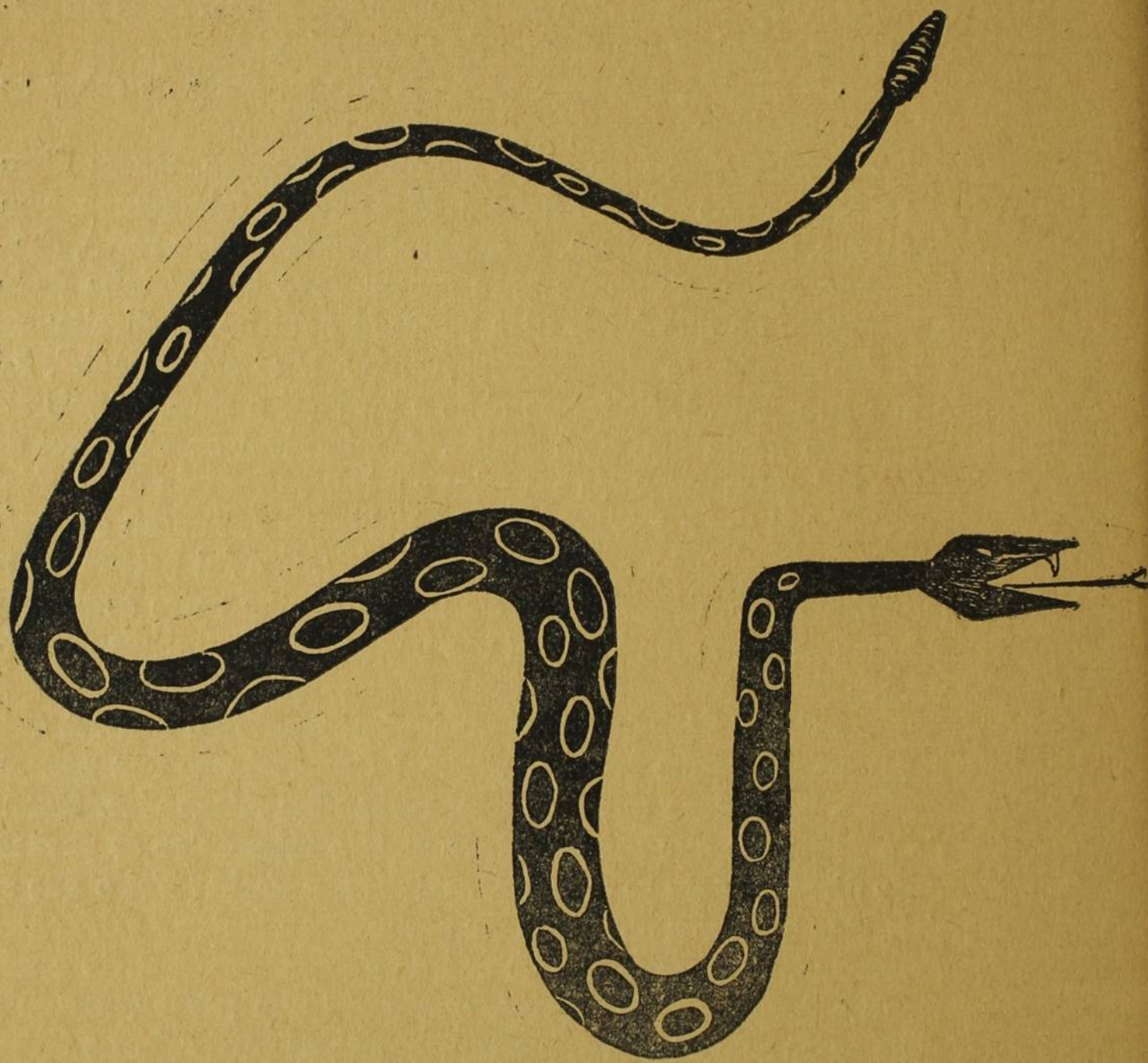
— Então escute. O senhor, que não vê, quer enxergar mais que os que têm vista. Assim é difícil a gente se entender, seu Firmino. Ouça calado, pelo amor de Deus. Se achar falha na história, fale depois e me xingue de potoqueiro.

— Perdoe, rosnou o prêto. É que eu gosto de saber as coisas por miúdo.

— Saberá, seu Firmino, berrou Alexandre. Quem disse que o senhor não saberá? Saberá. Mas não me interrompa, com os diabos. Ora muito bem. A cascavel mexia-se com raiva, chocalhando e preparando-se para armar novo bote. Tinha dado o primeiro, de que falei, uma pancada aqui no pé direito — “Os dentes não me alcançaram porque estou bem calçado”, foi o que eu presumi. Saltei no chão e levantei o chicote, pois ali perto não havia pau nem pedra. A miserável enrolava-se, os olhos redondos pregados em mim e a língua fora da bôca. Zás! Desmanchei-lhe a rodilha com uma chicotada. Tentou endireitar-se, estraguei-lhe os planos com o chicote e fui batendo, batendo, até que, desanimada, ela meteu o rabo entre as pernas e botou-se devagarinho para um monte de garranchos de coivara.

— Como é isso, seu Alexandre? perguntou o cego. A cascavel meteu o rabo entre as pernas? Cascavel não tem pernas.

— Está claro que não tem, respondeu Alexandre. Quando a gente diz que uma criatura mete o rabo entre as pernas, quer dizer que ela se encolhe, capionga, percebe? Foi o que se deu. Não é preciso um bicho ter pernas para meter o rabo entre as pernas. Seu Firmino é pessoa de entendimento curto e não compreende isto. A cascavel, que não tinha pernas, meteu o rabo entre as pernas e esgueirou-se para os garranchos e fôlhas sêcas que havia junto da estrada. Corri atrás dela e obriguei-a a voltar. Amiüdei os golpes, a desgraçada bambeou e nem pediu fogo para o cachimbo. Machuquei-lhe a cabeça com o salto da bota. Estrebuchou, fêz o que pôde para arrumar-se em no-



vêlo, depois se aquietou e ficou estirada na poeira. Baixei-me e medi o corpo mole: nove palmos e meio espichados. Isto é com o senhor, seu Firmino. Nove palmos e meio, entende? Mais de dois metros, penso eu. Que diz?

— Deve ser isso mesmo, resmungou o negro. Não sei não. Estou escutando. Sempre me dou mal quando faço perguntas. O senhor é quem sabe.

— Perfeitamente, concluiu Alexandre. A cobra tinha mais de dois metros. Tirei a vagem da cauda e contei nela dezessete anéis, o que significa dezessete anos, como ninguém ignora. Vejam vossemecês: dezessete anos. Era uma cobra muito velha e muito prática. Se eu não estivesse com os pés bem protegidos, não teria escapado, os senhores não ouviriam êste caso. Ó Cesária, veja se arranja dois dedos de cachimbo lá dentro. Eu preciso molhar a palavra. E os nossos amigos estão com o ouvido sêco. Vá buscar o cachimbo, Cesária. E procure o chocalho da cascavel, que você guardou.

Cesária levantou-se da esteira e desapareceu. Alexandre enxugou na manga da camisa o rosto suado. Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador e Das Dores comentaram baixinho o tamanho e a idade da cobra. Passados alguns minutos, Cesária voltou com uma garrafa e uma xícara:

— Preparei o cachimbo. Aguardente não falta, e as abelhas trabalham de graça. Mas o chocalho sumiu-se. Estava no jirau, misturado com balaios e cumbucos: provavelmente anda escondido num buraco de ratos.

— Faz pena, rosnou Alexandre. Eu queria encostá-lo nas unhas de seu Firmino. É o diabo. Acabou-se. Bote o cachimbo na xícara, Cesária.

A garrafa se esvaziou, os amigos elogiaram a bebida. Alexandre temperou a goela e reatou a história:

— Montei-me novamente. E aí findou o desespero que o choro brabo do cachorro me tinha dado. A luz vermelha diminuiu e a noite se tornou uma noite de lua cheia igual às outras noites de lua cheia. — “Tôda aquela armação de infelicidade foi para mim”, assuntei cá por dentro. Mas agora não havia pe-

rigo, porque a oração que eu tinha rezado era poderosa e o couro da bota era duro. Entrei em casa sem nuvens.

— Com o chocalho da cobra no bôlso, murmurou o cego.

— Naturalmente, com chocalho da cobra no bôlso. Cesária se espantou: dezessete anos para uma cascavel é muito ano. Fui dormir, e no dia seguinte ninguém se lembrava disso. Entreguei-me de corpo e alma aos arranjos necessários à viagem para o sul. Gastei o tempo todo separando o gado, contratando arrieiros e arrumando cargas. Um mês depois, exactamente um mês depois, tudo pronto, as reses no curral, os tangerinos amolando o ferro da aguilhada, mandei selar o cavalo e resolvi despedir-me de meu pai, meu sogro e alguns amigos da vizinhança. Vesti a roupa de casimira, calcei as botas, amarrei no pescoço colarinho e gravata, tomei café e dirigi-me ao copiar, onde encontrei o cavalo sem arreios. Gritei para o interior da casa, aborrecido com aquela demora, e um moleque apareceu atrapalhado, cinzento de mêdo, e falou assim: — “Não posso trazer a sela não, seu major. Rebentou o tórno da parede e está caída, pesada que não me ajudo com ela. Faz meia hora que procuro carregá-la”. Pensei que o diabo do sujeito estivesse com embromações e fui ver a coisa de perto. Achei realmente o tórno quebrado e a sela no chão. Tentei suspendê-la, resistiu. O lora esquerdo levantou-se, mas o direito parecia plantado na terra. Acocorei-me para examinar aquêle negócio e tomei um susto dos demônios: o estribo estava grande que era um despotismo, sim senhores. Mal pude movê-lo. Desatei-o, chamei dois homens e conseguimos arrastá-lo até o copiar. Foi um assombro, tôda a gente arregalou os olhos, sem adivinhar o motivo do crescimento. Vieram pessoas de longe, a casa se encheu, fervilham perguntas — “como foi, onde foi, porque vira, porque mexe” — e ninguém entendia nada. Eu coçava a cabeça e puxava pelos miolos. Fiquei três dias matutando. Afinal, depois de muito pensar, compreendi tudo e dei a Cesária as explicações que agora vou dar aos senhores. Acho que hão-de concordar comigo. Naquela noite de lua cheia supus que a cascavel me tivesse mordido o couro da bota. Convenci-me, porém, de que os den-

tes da bicha tinham ferido o estribo e deixado lá o veneno que existia no corpo dela. Um mês depois, com a fôrça da lua, o estribo inchava, como incham tôdas as mordeduras de cobras. Era por isso que êle estava tão crescido e tão pesado. Mandei chamar um mestre na rua e, com martelo e escopro, retirámos do estribo cinco arrôbas de prata, antes que o metal desinchasse. Isto se repetiu durante alguns anos: todos os meses o estribo inchava, inchava, e, conforme a fôrça da lua, eu tirava dêle três, quatro, cinco arrôbas de prata.

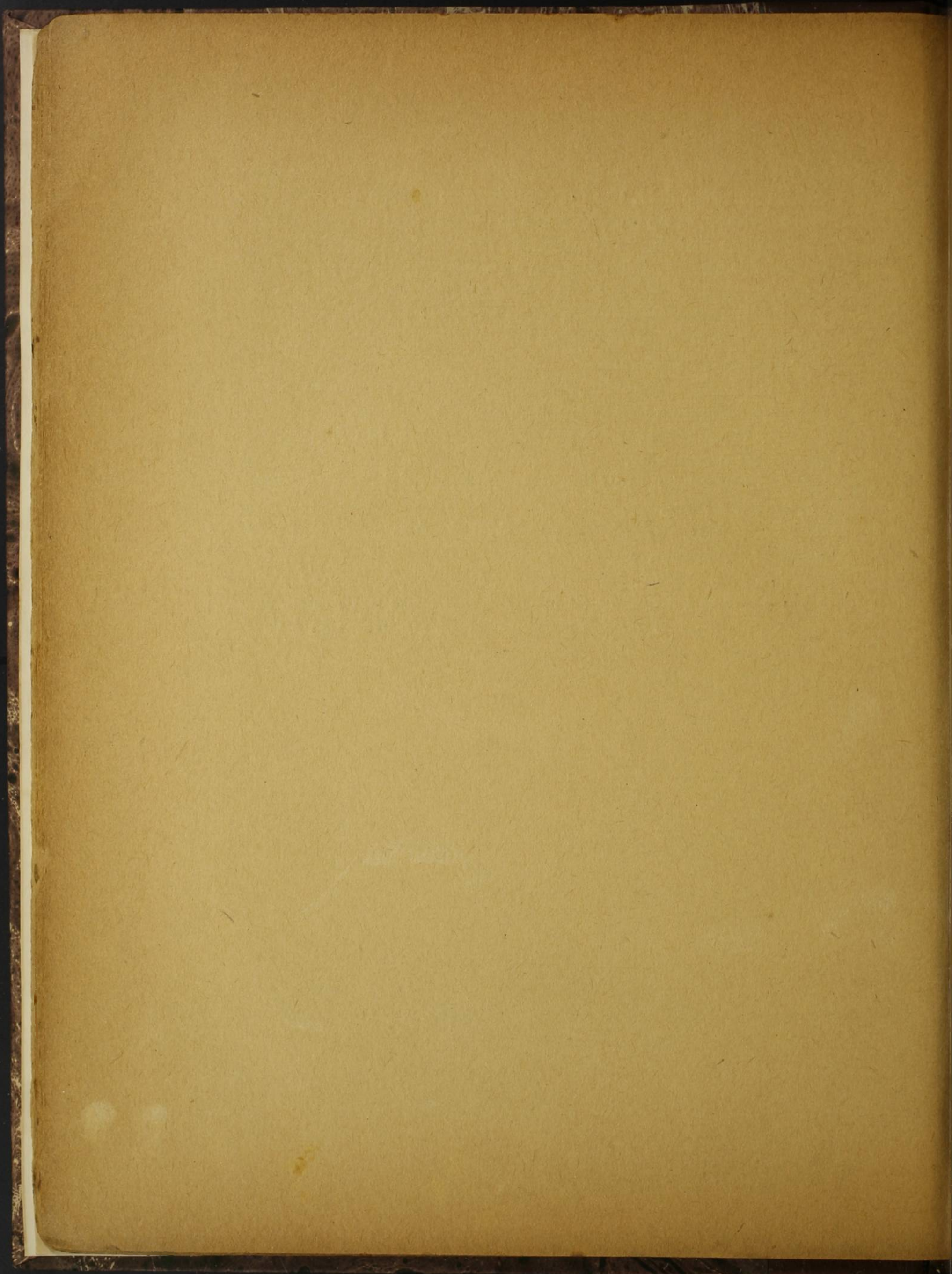
Seu Libório cantador, mestre Gaudêncio curandeiro, o cego prêto Firmino e Das Dores levantaram-se admirados.

— O senhor deve ter ganho uma fortuna, seu Alexandre, exclamou o cantador.

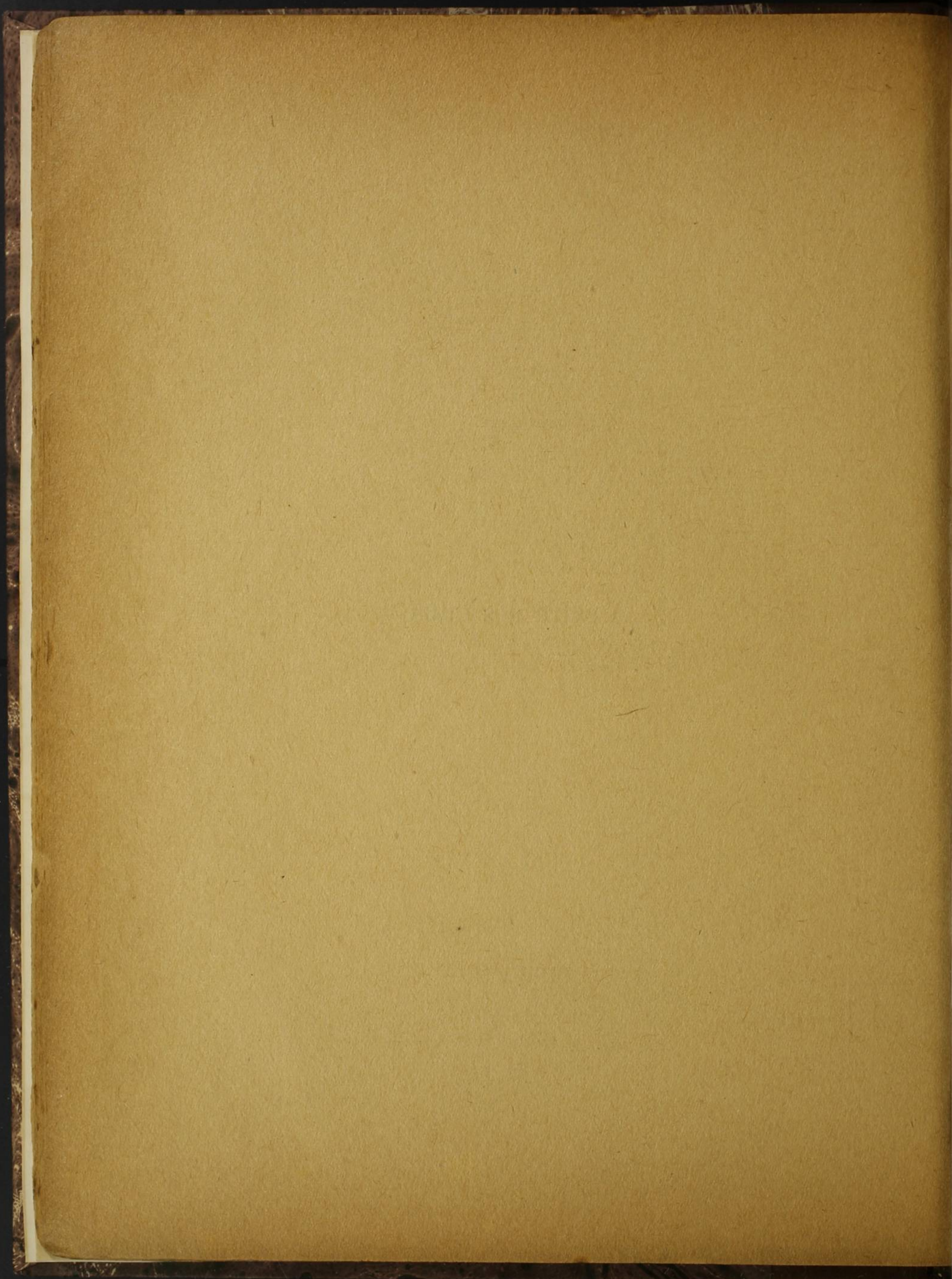
— Um pouco, seu Libório, sempre arranjei algum dinheiro, graças a Deus.

— E o estribo, seu Alexandre? O senhor ainda tem êsse estribo? perguntou o cego.

— Não senhor, seu Firmino, respondeu o dono da casa. Com o tempo êle deixou de inchar e tornou-se um estribo comum. Julgo que o veneno perdeu a valia. Natural, não é verdade?



A safra dos tatus





COMO foi aquêlo negócio dos tatus que a senhora principiou a semana passada, minha madrinha? perguntou Das Dores.

O rumor dos bilros esmoreceu e Cesária levantou os óculos para a afilhada:

— Tatus? Que invenção é essa, menina? Quem falou em tatu?

— A senhora, minha madrinha, respondeu a benzedeira de quebranto. Uns tatus que apareceram lá na fazenda no tempo da riqueza, da lordeza. Como foi?

Cesária encostou a almofada de renda à parede, guardou os óculos no caritó, acendeu o cachimbo de barro ao candeeiro, chupou o canudo de taquari:

— Ah! Os tatus. Nem me lembrava. Conte a história dos tatus, Alexandre.

— Eu? exclamou o dono da casa, surpreendido, erguendo-se da rêde. Quem deu seu nó que o desate. Você tem cada uma!

Dirigiu-se ao copiar e ficou algum tempo olhando a lua.

— Se os senhores pedirem, êle conta, murmurou Cesária aos visitantes. Aperte com êle, seu Libório.

Ao cabo de cinco minutos Alexandre voltou desanuviado, pediu o cachimbo à mulher, regalou-se com duas tragadas:

— Ora muito bem.

Restituiu o cachimbo a Cesária e foi sentar-se na rêde. Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador, o cego prêto Firmino e Das Dores exigiram a história dos tatus, que saiu dêste modo:

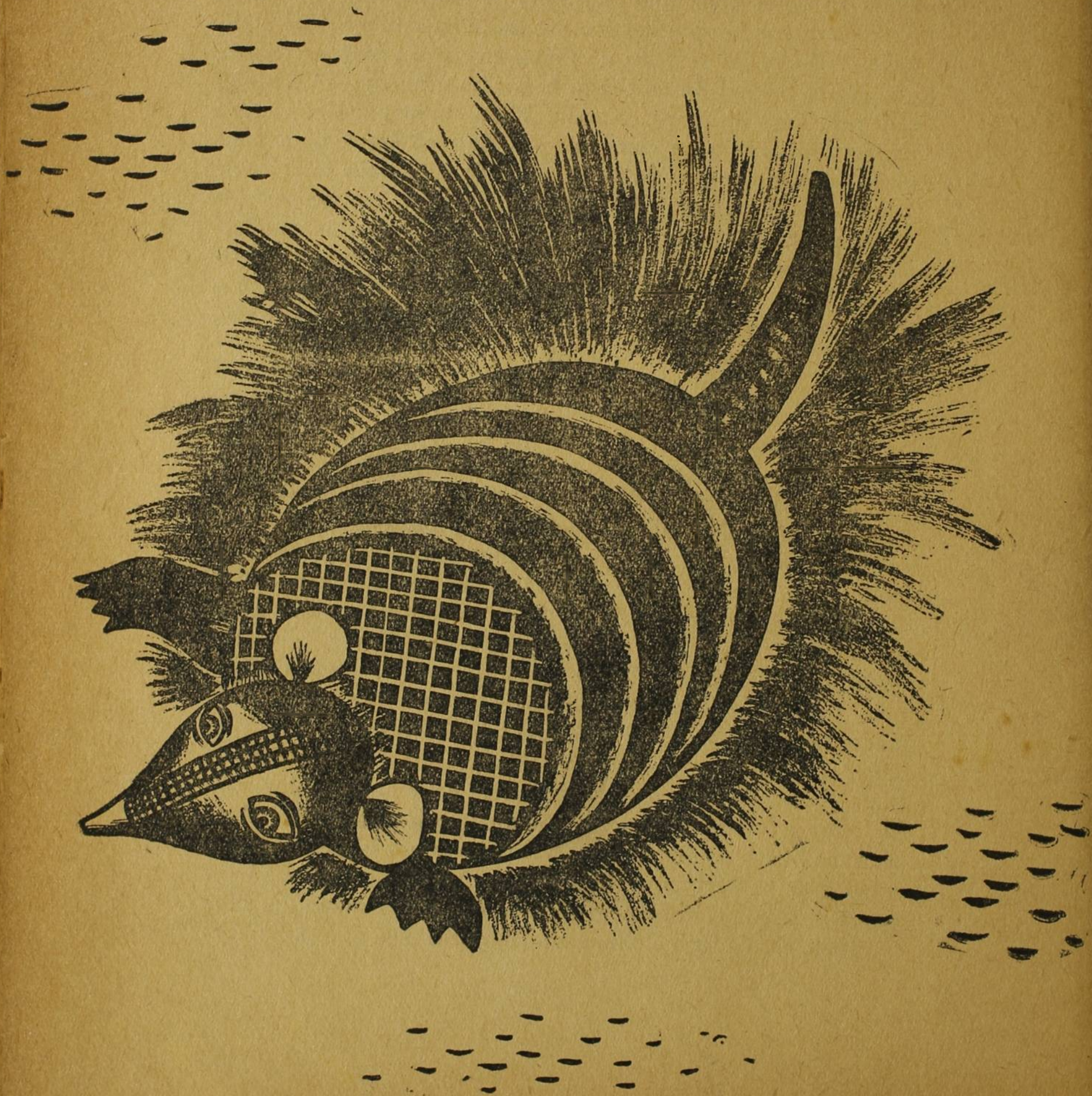
— Saberão vossemecês que êste caso estava completamente esquecido. Cesária tem o mau costume de sapecar umas perguntas em cima da gente, de supetão. Às vezes não sei onde ela quer chegar. Os senhores compreendem. Um sujeito como eu, passado pelos corrimboques do diabo, deve ter muitas coisas no quengo. Mas essas coisas atrapalham-se: não há memória que segure tudo quanto uma pessoa vê e ouve na vida. Estou errado?

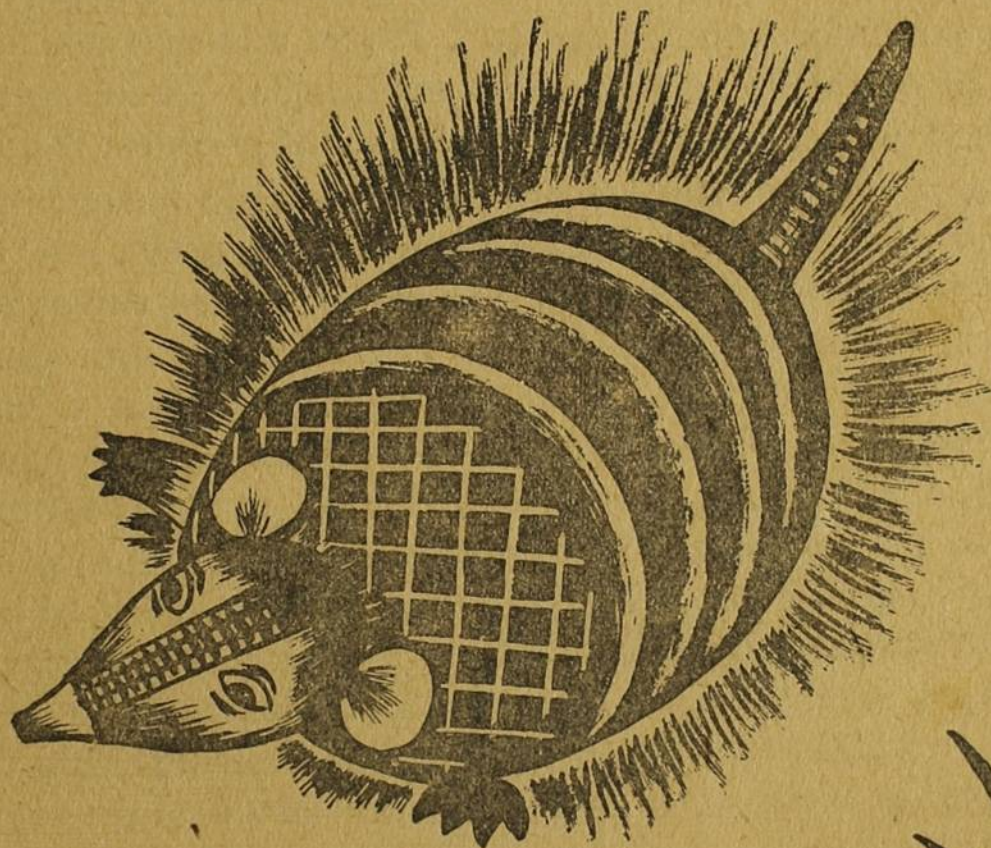
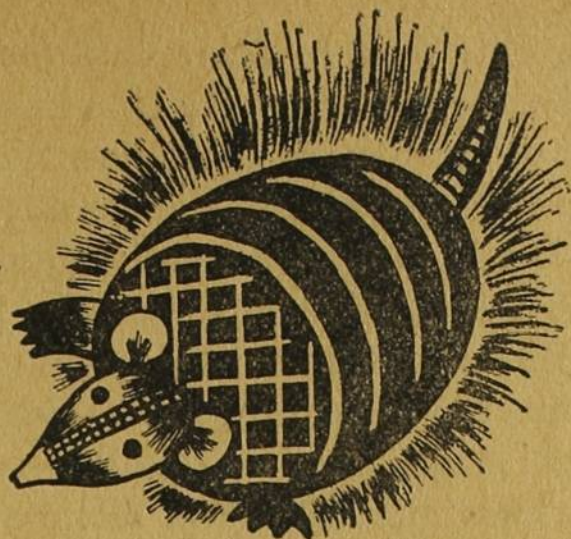
— Está certo, respondeu mestre Gaudêncio. Seu Alexandre fala direitinho um missionário.

— Muito agradecido, prosseguiu o narrador. Isso é bondade. Pois a história que Cesária puxou tinha-se esvaído sem deixar mozza no meu juízo. Só depois de tomar um deforete pude recordar-me dela. Vou dizer o que se deu. Faz vinte e cinco anos. Hem, Cesária? Quási vinte e cinco anos. Como o tempo caminha depressa! Parece que foi ontem. Eu ainda não tinha entrado forte na criação de boi, que me rendeu uma fortuna, já sabem. Ganhava bastante e vivia sem cuidado, na graça de Deus, mas as minhas transacções voavam baixo, as arcas

não estavam cheias de patações de ouro e rolos de notas. Comparado ao que fiz depois, aquilo era pinto. Um dia Cesária me perguntou: — “Xandu, por que é que você não aproveita a vazante do açude com uma plantação de mandioca?” — “Han? disse eu distraído, sem notar o propósito da mulher. Que plantação?” E ela, interesseira e sabida, a criatura mais arranjada que Nosso Senhor Jesus Cristo botou no mundo: — “Farinha está pela hora da morte, Xandu. Viaja cinquenta léguas para chegar aqui, a cuia por cinco mil-réis. Se você fizesse uma plantação de mandioca na vazante do açude, tínhamos farinha de graça”. — “É exacto, gritei. Parece que é bom. Vou pensar nisso”. E pensei. Ou antes, não pensei. O conselho era tão razoável que, por mais que eu saltasse para um lado e para outro, acabava sempre naquilo: não havia nada melhor que uma plantação de mandioca, porque estávamos em tempo de sêca braba, a comida vinha de longe e custava os olhos da cara. Íamos ter farinha a dar com o pau. Sem dúvida. E plantei mandioca. Endireitei as cêrcas, enchi a vazante de mandioca. Cinco mil pés, não, catorze mil pés, ou mais. No fim havia trinta mil pés. Nem um canto desocupado. Todos os pedaços de maniva que peguei foram metidos debaixo do chão. — “Estamos ricos, imaginei. Quantas cuias de farinha darão trinta mil pés de mandioca?” Era uma conta que eu não sabia fazer, e acho que ninguém sabe, porque a terra é vária, às vezes rende muito, outras vêzes rende pouco, e se o verão apertar, não rende nada. Êsses trinta mil pés não renderam, isto é, não renderam mandioca. Renderam coisa diferente, uma esquisitice, pois, se plantamos maniva, não podemos esperar de modo nenhum apanhar cabaças ou abóboras, não é verdade? Só podemos esperar mandioca, que isto é a lei de Deus. A gata dá gato, a vaca dá bezerro e a maniva dá mandioca. Sempre foi assim. Mas êste mundo, meus amigos, está cheio de trapalhadas e complicações. Atiramos num bicho, matamos outro. E sinha Terta, que mora aqui perto, na ribanceira do rio, escura e casada com homem escuro, teve esta semana um filho de cabelo côr de fogo e ôlho azul. Há quem diga que sinha Ter-

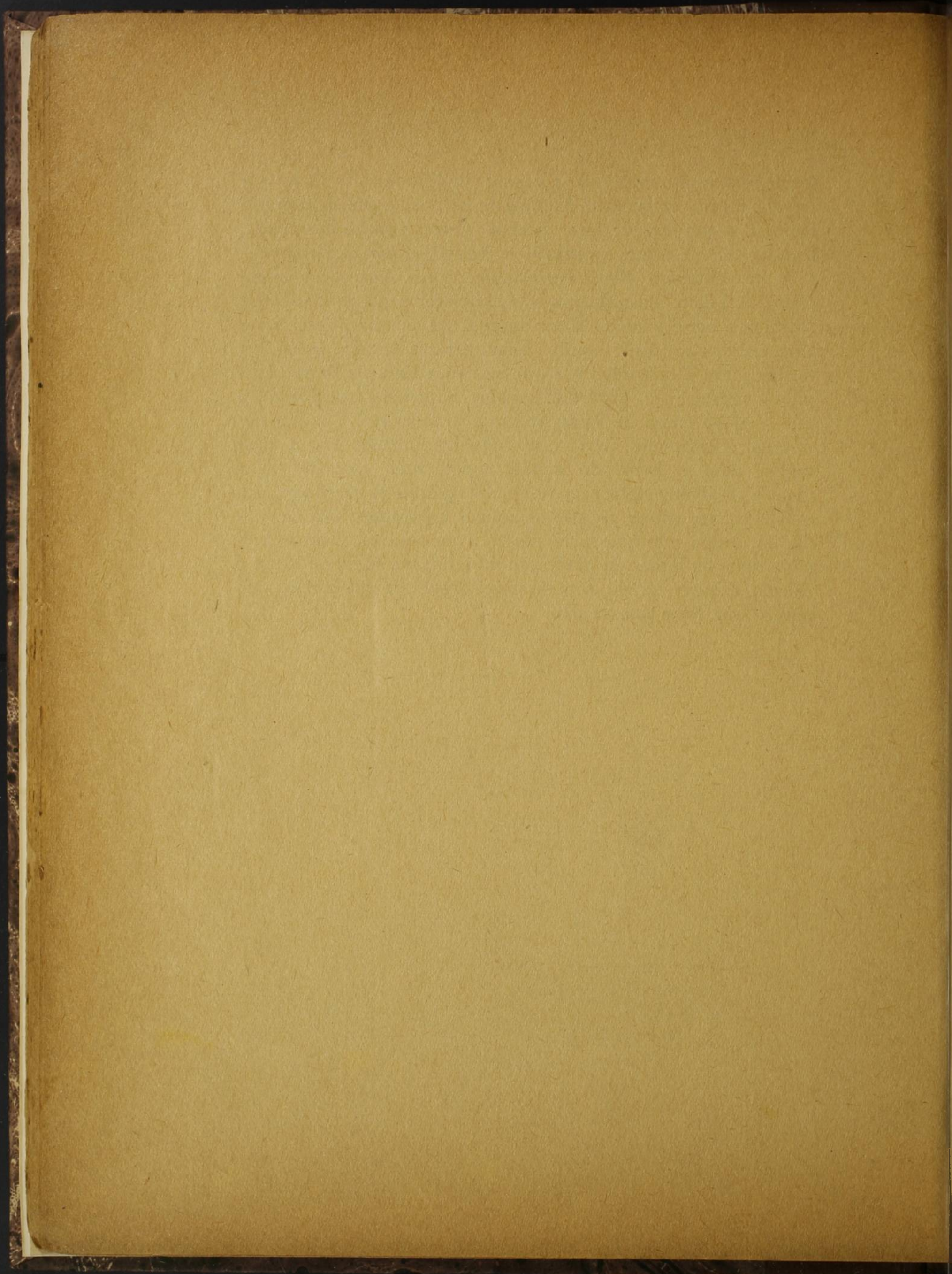
ta não seja séria? Não há. Sinha Terta é um espelho. E por estas redondezas não existe vivente de olho azul e cabelo vermelho. Boto a mão no fogo por sinha Terta e sou capaz de jurar que o





menino é do marido dela. Vossemecês estão-se rindo? Não seriam não, meus amigos. Na vida há muita surprêsa, e Deus Nosso Senhor tem dêsses caprichos. Sinha Terta é mulher direita. E as manivas que plantei não deram mandioca. Seu Firmino está aí fala não fala, com uma pergunta na bôca, não é, seu Firmino? Tenha paciência e escute o resto. Ninguém ignora que plantação em vazante não precisa de inverno. Vieram umas chavinhas e a roça ficou uma beleza, não havia coisa parecida por aquelas beiradas. — “Valha-me Deus, Cesária, desabafei. Onde vamos guardar tanta farinha?” Mas estava escrito que não íamos arrumar nem uma prensa. Quando foi chegando o tempo da arranca, as plantas começaram a murchar. Supus que a lagarta estivesse dando nelas. Engano. Procurei, procurei, e não descobri uma lagarta. — “Santa Maria! cisme! A terra é boa, aparece chuva, a lavoura vai para diante e depois desanda. Não entendo. Aqui há feitiço”. Passei uns dias acuado, remexendo os miolos, e não achei explicação. Tomei aquilo como castigo de Deus, para desconto dos meus pecados. O que é certo é que a praga continuou: no fim do S. João tôdas as fôlhas tinham caído, só restava uma garrancheira preta. — “Caiporismo, disse comigo. Estamos sem sorte. Vamos ver se conseguimos levar ao fogo uma fornada”. Encangalhei um animal, pendurei os caçuás nos cabeçotes, marchei para a vazante. Arranquei um pau de mandioca — e o meu espanto não foi dêste mundo. Esperava tamboeira chocha, mas, acreditem vossemecês, encontrei uma raiz enorme e pesada que se pôs a bulir. A bulir, sim senhores. Meti-lhe o facão. Estava ôca, só tinha casca. E, por baixo da casca, um tatu-bola enrolado. Arranquei outra vara sêca: peguei o segundo tatu. Para encurtar razões, digo aos amigos que passei quinze dias desenterrando tatus. Os caçuás enchiam-se, o cavalo emagreceu de tanto caminhar e Cesária chamou as vizinhas para salgar aquela carne tôda. Apanhei uns quarenta milheiros de tatus, porque nos pés de mandioca fornidos moravam às vezes casais, e nos que tinham muitas raízes acomodavam-se famílias inteiras. Bem. O preço do charque na cidade baixou, mas ainda assim apurei alguns con-

tos de réis, muito mais que se tivesse vendido farinha. A princípio não atinei com a causa daquele despotismo e pensei num milagre. É o que sempre faço: quando ignoro a razão das coisas, fecho os olhos e aceito a vontade de Nosso Senhor, especialmente se há vantagem. Mas a curiosidade nunca desaparece do espírito da gente. Passado um mês, comecei a matutar, a falar sozinho, e perdi o sono. Afinal agarrei um cavador, desci à vante, esburaquei tudo aquilo. Achei a terra favada, como um formigueiro. E adivinhei por que motivo a bicharia tinha entupido a minha roça. Fora dali o chão era pedra, cascalho duro que só dava coroa de frade, çuípá e mandacaru. Comida nenhuma. Certamente um tatu daquelas bandas cavou passagem para a beira do açude, topou uma raiz de mandioca e resolveu estabelecer-se nela. Explorou os arredores, viu outras raízes, voltou, avisou os amigos e parentes, que se mudaram. Julgo que não ficou um tatu na catinga. Com a chegada dêles as fôlhas da plantação murcharam, empreteceram e caíram. Estarei errado, seu Firmino? Pode ser que esteja, mas parece que foi o que se deu.



História de uma bota

Handwritten notes in a curved shape, possibly a list or a set of instructions, written in a cursive or shorthand style.

Handwritten notes in a rectangular shape, possibly a list or a set of instructions, written in a cursive or shorthand style.



QUANDO os amigos chegaram, o dono da casa estava sentado na pedra de amolar, pregando uma correia nova na alpercata. Levantou-se e foi acabar o trabalho escanchado na rêde. resmungando aperreado, misturando assuntos:

— Caiporismo. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Gaudêncio. Hum! Entretido, nem ouvi a salvação de vossemecês. Que estrago! Para sempre seja louvado, seu Libório. Como vai essa gordura? Boa noite, seu Firmino. Tome assento.

Os visitantes acomodaram-se, Das Dores e Cesária vieram da cozinha e arrumaram-se na esteira.

— A vida é um buraco, meus amigos, murmurou Alexandre. De volta da feira, dei uma topada, esfolei o dedo grande, re-hentei a correia desta infeliz e andei légua e meia com um pé calçado, outro no chão. Estava aqui pensando no meu tempo de rico. Dinheiro no baú, roupa fina e um quarto cheio de sapatos de tôda a versidade.

— E botas com esporas de prata, acrescentou Cesária.

— Isso mesmo, concordou Alexandre. Botas com esporas de prata e de ouro, penduradas no tórno. Agora é a desgraça que se vê: um pedaço de sola amarrado no casco, espinhos, rachaduras no calcanhar. Não somos nada não, seu Libório.

Baixou a cabeça, esteve um minuto remexendo os beiços, monologando. Pouco a pouco desanuviou-se, um sorriso franziu-lhe a cara, o olho torto brilhou:

— Por falar em bota, lembrei-me do apêrto em que me vi há muitos anos, quando furava mundo. Tomei um susto dos diachos, e, pensando nisso, ainda me arrepio. Se quiserem escutar, abram os ouvidos. Se não estiverem com disposição, usem de franqueza: calo a bôca, seu Libório pega na viola e canta aí umas emboladas para a gente.

— Não senhor, escusou-se o cantador, modesto. Fale vossemecê.

Todos afirmaram que estavam curiosos, Alexandre tossiu, temperou a goela:

— Bem. O caso se deu numa das primeiras viagens que fiz à mata. Se não me engano, foi na primeira. Esperem, vou ver se me recordo.

Ficou um instante em silêncio, gesticulando, o olho torto fixo na telha.

— Isso, prosseguiu. Foi na primeira. Comprei dessa feita um papagaio sabido para Cesária, um bicho de tanta cadência como nunca se viu.

— O senhor falou nêle, atalhou o cego. Um papagaio que tinha astúcias de cristão e valia um conto de réis.

— Não é verdade, seu Firmino, retorquiu Alexandre enfadado. Quem já viu papagaio de conto de réis? Ésse que os

amigos conhecem custou seiscentos e vinte e cinco mil e trezentos e saiu caro. Detesto exageros. Guardo as minhas conversas na memória, tudo direito. E se comprei o papagaio por seiscentos e vinte e cinco mil e trezentos, por que haveria de aumentar o preço dêle? Responda, seu Firmino.

— Não sei não, murmurou o cego. O senhor é quem sabe.

— Pois é, continuou o dono da casa. Mas nós estamos gastando palavra à toa. Não interessa mexer num vivente miúdo, que se finou há muitos anos e o urubu comeu. Vamos ao negócio que prometi contar a vossemecês. Como já disse, foi para as bandas de Cascalancó.

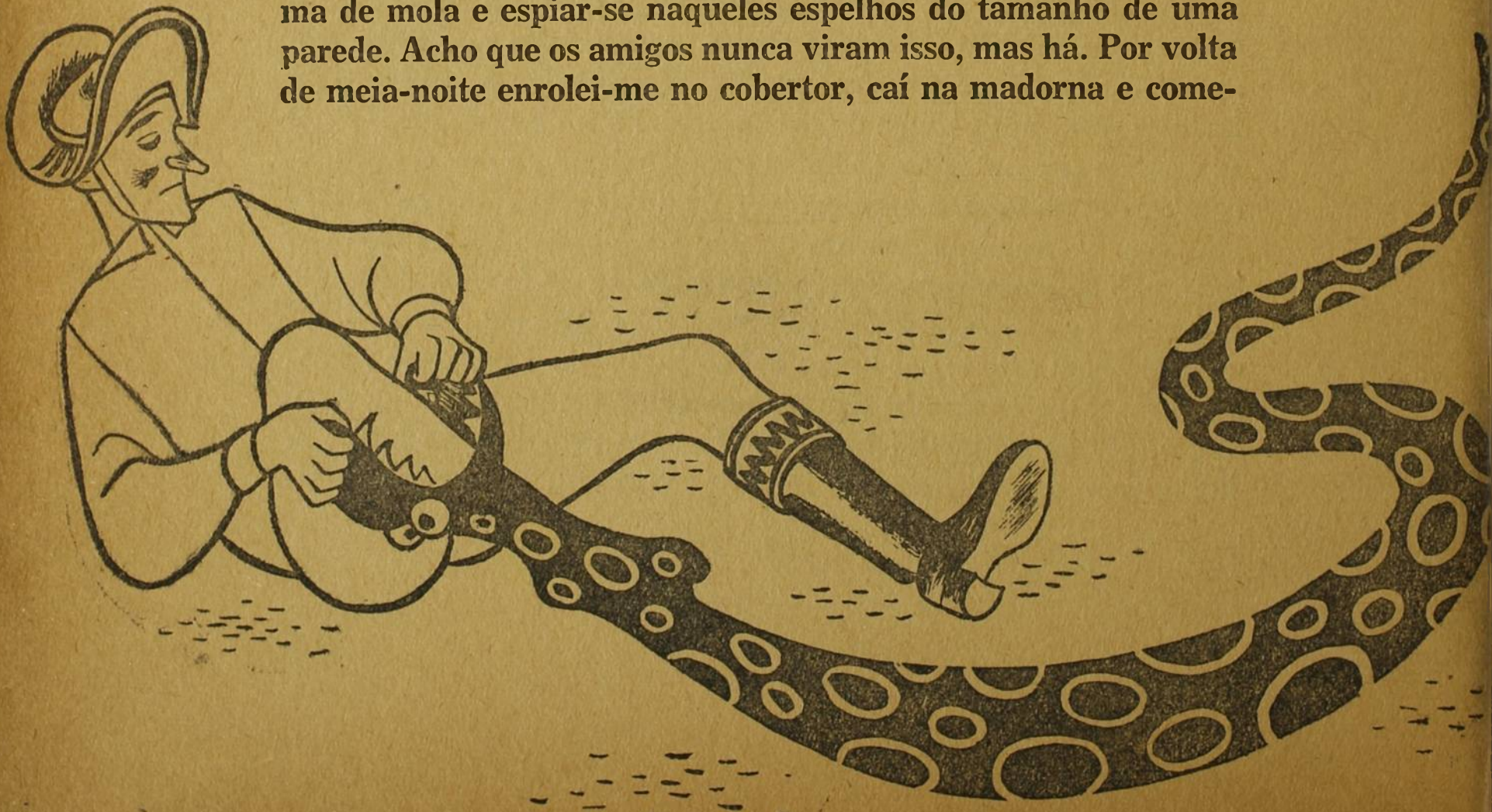
— O senhor não disse isso não, rosnou o prêto.

— Não disse? Pois fica dito, seu Firmino, tornou Alexandre. Foi na beira de um riacho, em Cascalancó, numa noite escura de meter o dedo no olho. Pròpriamente não era de noite: era de madrugada. Eu tinha corrido o sertão de cima a baixo, vendendo bois. No fim de seis meses havia um lucro enorme, dinheiro de papel em quantidade enchendo os bolsos da carona. E nesse dia, no têrmo de Cascalancó, decidi voltar para casa, porque já me aborrecia de tanto caminho, andava com a cabeça cheia de contas e muita saüdade da patroa. Derrubei as cargas na beira do rio, arranjou-se uma fogueira, os tangerinos prepararam a comida e começaram a inventar lambanças, enquanto jantavam. Na cidade eu me hospedava em hotel caro e dormia em colchão fôfo, mas ali no mato o jeito que tinha era arrumar-me no chão. Foi o que fiz. Mastiguei um punhado de farinha sêca, um pedaço de carne-de-sol e uma rapadura, rezei as minhas orações, tirei as botas e espichei-me na areia, vestido, com o rifle na mão, a carona cheia de notas servindo-me de travesseiro. Os animais ficaram roendo grama, peados de três pés para não se afastarem. Estive uma hora ouvindo as imbuanças dos rapazes acorados em redor do fogo. Depois êles se calaram, fizeram camas por baixo das catingueiras e pegaram no sono. Estava-se armando chuva, um calor medonho amolecia a gente, até as fôlhas da baraúnas tinham preguiça de bulir. A lua apareceu desconfiada e logo desapareceu. Uma nuvem en-

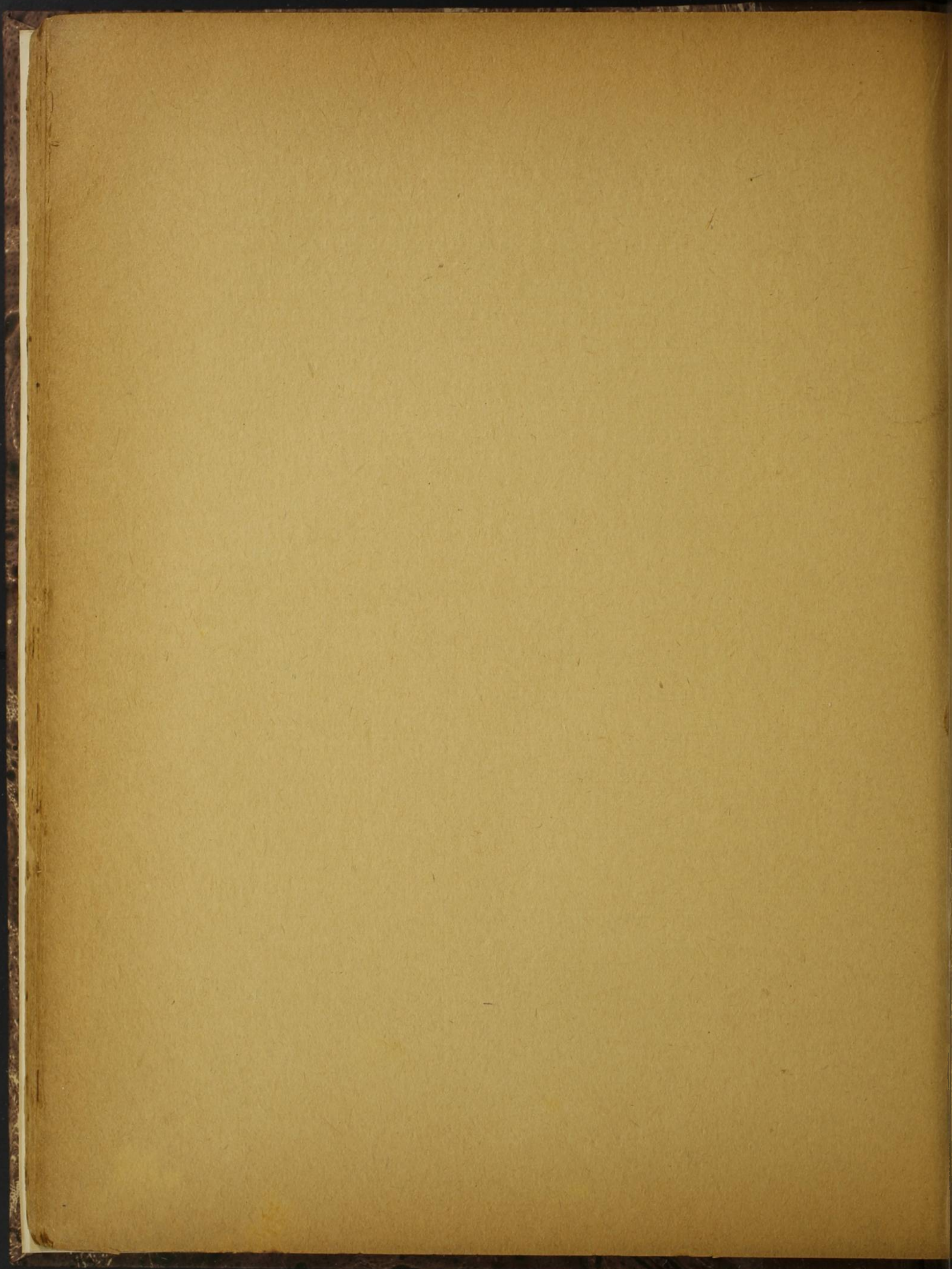
grossou na cabeça da serra, outra juntou-se a ela, veio uma terceira, espalhou-se, afinal o céu ficou todo coberto e não havia uma estrêla para remédio. Um pretume dos diabos. A princípio, com a luz do fogo, ainda enxerguei os arrieiros e os tangerinos que dormiam debaixo dos paus, as malas de couro e os surrões de mantimento, a minha sela e o par de botas. Mas as labaredas esmoreceram, as brasas cobriram-se de cinza, os tangerinos e os arrieiros, as malas e os surrões de matalotagem, a sela e o par de botas sumiram-se. Estou aqui desenterrando estas miüdezas, e vossemecês pedem a Deus que eu me cale. Seu Firmino dá cada cochilo que faz pena e já abriu a bôca três vêzes, coitado.

— Eu? Que invenção! protestou o cego endireitando-se no cepo que lhe servia de cadeira. Sou lá capaz de cochilar ouvindo uma história que o senhor conta? Continue, seu Alexandre. Escutei perfeitamente. Uma noite escura e de chuva.

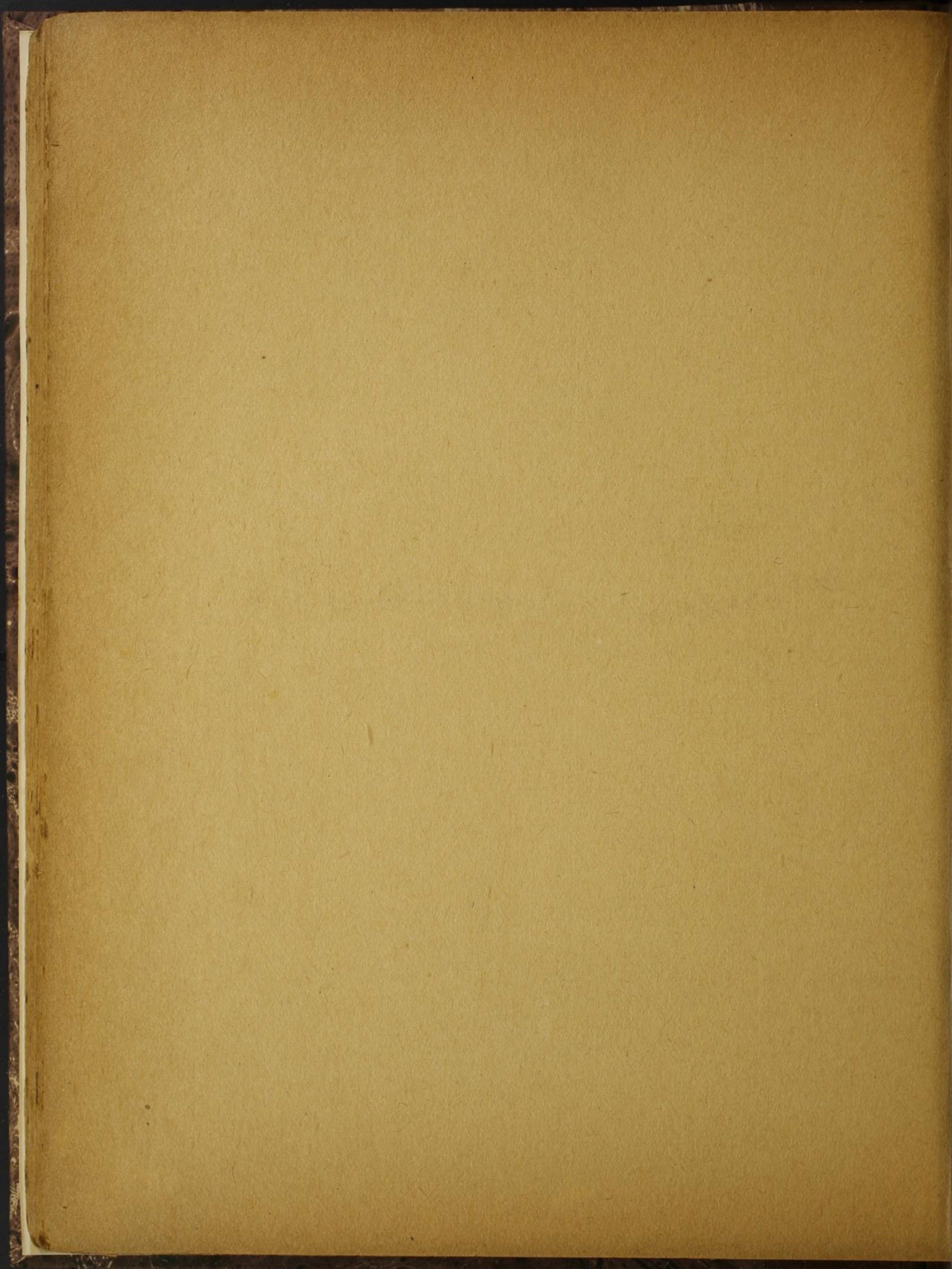
— Não, seu Firmino, corrigiu Alexandre. Sem chuva. Eu não disse que o senhor estava dormindo? Armação de trovoada, muito calor e um escuro da peste. Era o que havia. Tudo escuro. Repito isto para vossemecês não se admirarem do que me aconteceu naquela noite. Ora muito bem. Passei umas horas calculando o ganho, com a idéia de mandar levantar na fazenda um sobrado como os que tinha visto na capital, grandão, cheio de enfeites e trapalhadas. Queria ver Cesária experimentar cama de mola e espiar-se naqueles espelhos do tamanho de uma parede. Acho que os amigos nunca viram isso, mas há. Por volta de meia-noite enrolei-me no cobertor, caí na madorna e come-



cei a sonhar com os sobrados e os espelhos. Acordei de madrugada. Sentei-me, fiz o pelo-sinal, gritei aos homens, que se levantaram e foram pegar os animais. Já sabem que me tinha deitado com roupa e tudo, como é de costume quando a gente se aboleta nos descampados. Marombando, preguiçando, deixei a morrinha sair do corpo. Depois estirei um braço e procurei as botas que tinha largado ali perto, na véspera. Achei uma bota, notei pelo jeito que era do pé esquerdo e calcei-me sem novidade. Mas quando fui calçar a outra sucedeu-me uma dos demônios. Meti a perna pelo cano, a perna entrou, entrou, e nada de chegar ao fundo. Uma bota regular vai ao joelho de um homem, não é isto? Pois essa passou o joelho, passou a coxa, tocou o pé da barriga, e se mais perna houvesse, mais teria entrado. — “Certamente alguém me arrancou a sola do calçado enquanto eu dormia”, pensei. Quem se havia atrevido àquela brincadeira maluca? Dei um grito de raiva. Nesse ponto os arrieiros voltavam do campo, com os animais no cabresto. Trouxeram um pedaço de facheiro aceso, aproximaram-se de mim e perderam acção: olharam uns para os outros, embasbacados, amarelos como defuntos. Sabem vossemecês o acontecido? Nem gosto de me lembrar. Uma jibóia tinha-se enrodilhado junto da fogueira. Percebem? Calcei bem a primeira bota, mas quando ia calçar a segunda, agarrei a bicha nas queixadas e enfiei-lhe a perna pela bôca a dentro. Avaliem o mêdo que senti. Fiquei uns minutos abobado, sem mexer-me, e os companheiros, num assombro, nem tiveram coragem de me ajudar. Sim senhores. Acalmei-me. Sempre arranjo calma nas horas difíceis. E, com muito cuidado, para não furar-me nos dentes da cobra, consegui descalçar aquela bota medonha. Felizmente ela não me mordeu. Suponho que também se assustou. Não foi senão isso, acreditem. Entalou-se, de queixo caído, e deu graças a Deus quando se viu livre daquela coisa que lhe atravessava o interior. Sacudiu a cabeça, aliviada, e sumiu-se devagarinho na catinga.



Uma canoa furada





MESTRE Gaudêncio curandeiro, homem sabido explicou uma noite aos amigos que a terra se move, é redonda e fica longe do sol umas cem léguas.

— Já me disseram isso, murmurou Cesária.

Das Dores arregalou os olhos, seu Libório espichou o beico e deu um assobio de admiração. O cego prêto Firmino achou a distância exagerada e sorriu, incrédulo:

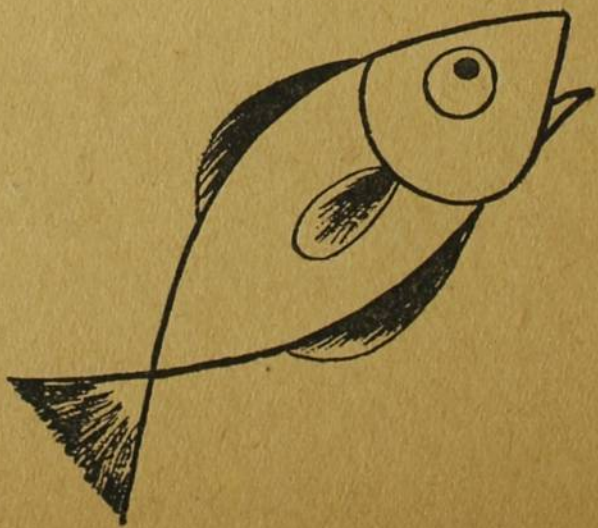
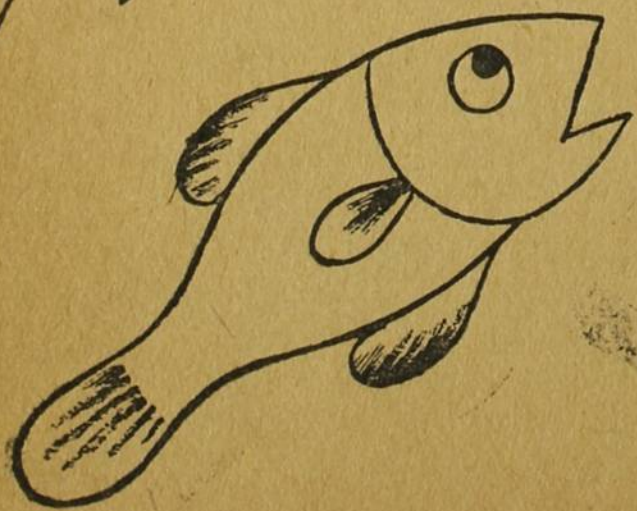
— Conversa, mestre Gaudêncio. Quem mediu? Das telhas para cima ninguém vai. Isso é imbuança de livro, papel agüenta muita lorota. Com léguas? Não embarco em canoa furada não, mestre Gaudêncio.

— Ora, seu Firmino! Exclamou Alexandre. Para que diz isso? Embarca. Todos nós embarcamos, é da natureza do homem embarcar em canoa furada. Tudo neste mundo é canoa furada, seu Firmino. E a gente embarca. Nascemos para embarcar. Um dia arriamos, entregamos o couro às varas e, como temos religião, vamos para o céu, que é talvez a última canoa, Deus me perdoe. Embarca, seu Firmino.

Levantou-se, foi acender o cigarro ao candeeiro de fôlha, voltou à rêde:

— Embarca. E, por falar em canoa furada, vou contar aos senhores o que me aconteceu numa, há vinte anos. Canoa verdadeira, seu Firmino, de pau, não dessas que vossemecê puxou para contrariar mestre Gaudêncio. Ora muito bem. Numa das minhas viagens rolei uns meses por Macururé, levando boiadas para a Bahia. Já andaram por essas bandas? Tenho aquilo de cor e salteado. Ganhei uns cobres, mandei fazer roupa no alfaiate, comprei um corte de pano fino e um frasco de cheiro para Cesária. Demorei-me na capital uma semana. Aí fiz tenção de vender a fazenda e os cacarecos, mudar-me, dar boa vida à pobre da mulher, que trabalhava no pesado, ir com ela aos teatros e rodar nos bondes. Reflectindo, afastei do pensamento essas bobagens. Matuto, quando sai do mato, perde o jeito. Quem é do chão não se trepa. Ninguém me conhecia na cidade, cheia como um ôvo. A propósito, sabem que um ôvo custa lá cinco tostões? Calculem. Não me aprumo nessas ruas grandes, onde gente da nossa marca dá topadas no calçamento liso e os homens passam uns pelos outros calados, como se não se enxergassem. Nunca vi tanta falta de educação. Vossemecê mora numa casa dois ou três anos e os vizinhos nem sabem o seu nome. Nos meus pastos a coisa era diferente. Lá eu tinha prestígio: votava com o govêrno, hospedava o intendente, não pagava imposto e tirava presos da cadeia, no júri. Vivia de grande. E quando aparecia na feira, o cavalo em pisada baixa, riscando nas portas, os arreios de prata alumando, o comandante do destacamento levava a mão ao boné e me perguntava pela família. Tenho tocado nisso algumas vezes, e os amigos vão pensar que estou aqui

arrotando importância. É engano, detesto pabulagem. Na capital só viam em mim um sujeito que vendia gado. Mas se quiserem saber a minha fama no sertão, dêem um salto à ribeira do Navio e falem no major Alexandre. Cinquenta léguas em redor, de vante a ré, todo o bichinho dará notícia das minhas estrepolias. A história da onça, a do bode, o estribo de prata, êste ôlho torto, que ficou muitas horas espetado num espinho, roído pelas formigas, circulam como dinheiro de cobre, tudo exagerado. É o que me aborrece, não gosto de exageros. Quero que digam só o que eu fiz. Êsse negócio da canoa entrou num folheto e hoje se canta na viola, mas com tantos acréscimos que, francamente, não me responsabilizo pelo que escreveram. Exactamente o que sucedeu com o marquesão. Lembra-se? Dr. Borba pegou o marquesão de jaqueira e fêz dêle o que entendeu, encheu a casa de cortiços. Não era o meu marquesão, que só deu quatro pés de jaca. O caso da canoa também foi muito aumentado. É bom prevenir. Se vossemecês ouvirem falar nêle em cantoria, fiquem sabendo que as nove-horas são astúcias do poeta. O acontecido foi coisa muito curta, que eu podia embrulhar num instante. E se converso de mais, é porque a gente precisa matar tempo, não sapecar tudo logo de uma vez. Se não fôsse assim, a história perdia a graça. Por isso espichei diante dos amigos a cidade grande, os teatros, os bondes, os ovos e a roupa nova, o corte de pano fino e o frasco de cheiro que ofereci a Cesária. Ela vestiu o pano fino e botou o cheiro no lenço, mas isto não adianta. Sem cheiro e sem pano, a história da canoa seria a mesma, um pouco mais encolhida. Bem. Como disse aos amigos, demorei na Bahia, com desejo de arranjar-me por lá. Quando vi que a intenção era besteira, decidi voltar para casa, amansar brabo, arrematar caixas de segrêdo em leilão e animar o cordão azul e o cordão vermelho, no pastoril, que foi para isto que nasci. Sim senhores. Selei o cavalo e atirei-me para o norte. Caminhei, caminhei, cheguei ao S. Francisco. Seu Firmino andou no S. Francisco? Não andou. É o maior rio do mundo. Não se sabe onde começa, nem onde acaba, mas, na opinião dos entendidos, tem umas cem léguas de comprimento. Quer dizer





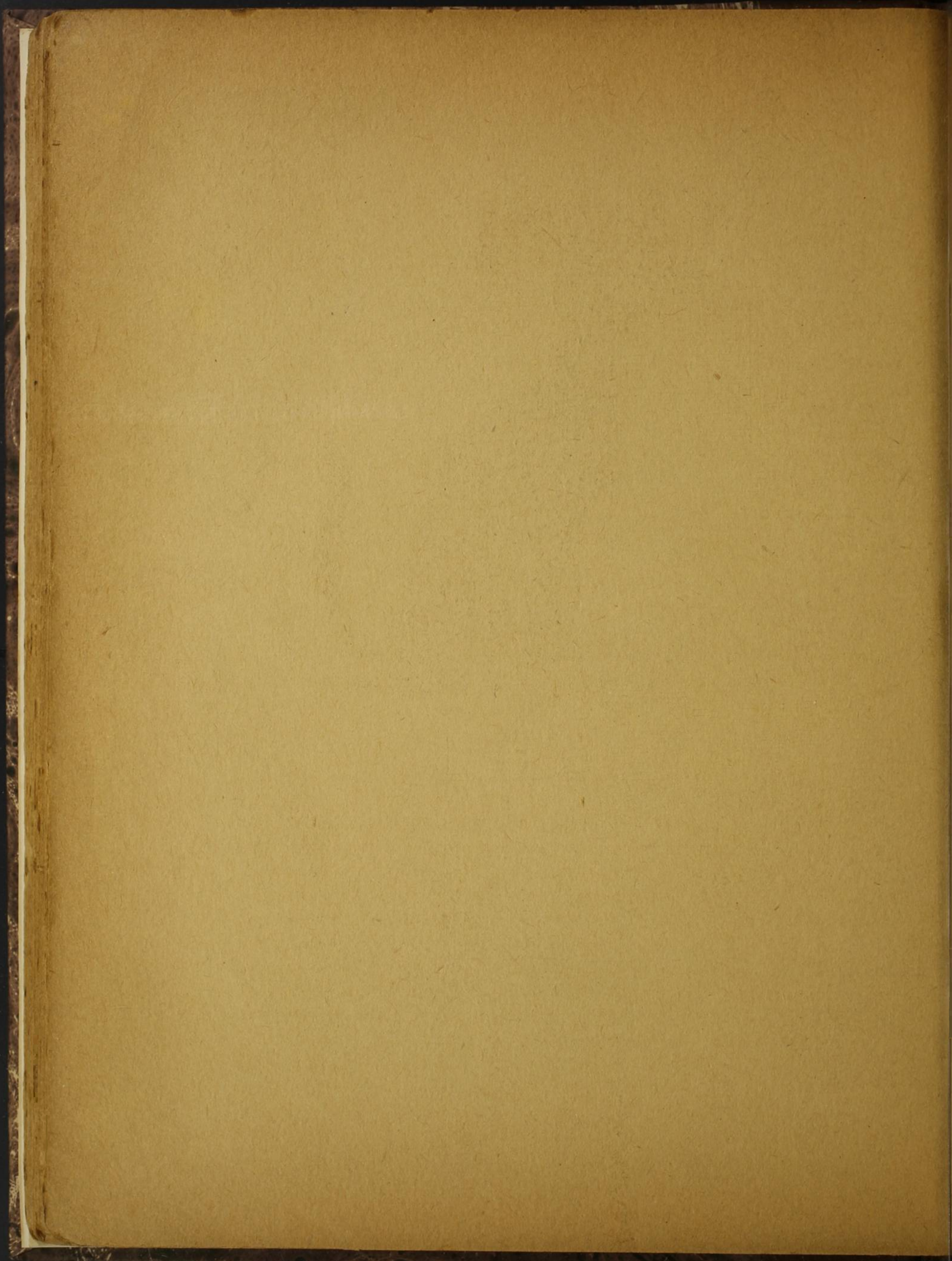
que, se, em vez de correr por cima da terra, êle corresse para os ares, apagava o sol, não é verdade, mestre Gaudêncio? Nunca vi tanta água junta, meus amigos. É um mar: engole o Ipanema em tempo de cheia e pede mais. Está sempre com sede. Não há rio com semelhante largura. Vossemecês pisam na beira dêle, olham para a outra banda, avistam um boi e pensam que é um cabrito. Por aí podem imaginar aquêle despotismo. Pois eu ia morrendo afogado no S. Francisco, vinte anos atrás. Afogado não digo que morresse, porque enfim dou umas braçadas, mas, se não me afogasse, era certo estrear-me no dente da piranha, o bicho mais infeliz que Deus fabricou. Já viram piranha? Se não viram, perdem pouco. É uma criatura que não tem serventia e morde como cachorro doido. Onde há sangue aparece um magote delas. Entra um vivente na água e em cinco minutos deixa lá o esqueleto. Percebem? Topei o São Francisco empanzinado, soprando. Tinha lambido as plantações de arroz, comido as ribanceiras, e a escuma subia, ia cobrindo as catingueiras e as baraúnas. Viajei dois dias para as cabeceiras, procurando passagem. E, ali pelas alturas de Propriá, vi uma canoa cheia de gente que se botava para as Alagoas. — “Seu moço, perguntei ao remador, esta gangorra é segura?” E o homem respondeu, de cara enferrujada: — “Segura ela é. Mas garantir que chegue ao outro lado não garanto. Se tem coragem de se arriscar, entre para dentro, que ainda cabe um”. Fiquei embuchado, com uma resposta atravessada na goela, pois acho desafôro alguém pôr em dúvida a minha disposição. Que, para usar de franqueza, o que faço direito é correr boi no campo. Mergulhar e brigar com peixe não é ocupação de gente. Desarreei o animal, amarrei o cabresto na pôpa da canoa, arrumei os picuás e embarquei. O cavalo nadou, três mulheres velhas puxaram os rosários e navegámos em paz até o meio do rio. Aí, quando mal nos precatávamos, o diabo do côcho se furou e em poucos minutos os meus troços estavam boiando. Foi um deus-nos-acuda: os homens perderam a fala, as mulheres soltaram os rosários e botaram as mãos na cabeça, numa latomia, numa choradeira dos pecados. — “Então, seu mestre, perguntei ao ca-

noeiro, o senhor não disse que esta geringonça era segura?" E o desgraçado respondeu: — "Segura ela era. Mas, como o senhor está vendo, agora não é". — "Que é que vamos fazer?" gritei desadorado. — "Sei lá! disse o homem. Quem tiver muque puxe por êle e veja se alcança terra, o que acho difícil". A minha vontade foi dar uns tabefes no sem-vergonha, mas não havia tempo, os amigos vêem que não havia tempo. — "Está bem, tornei. Nós ajustaremos contas depois. Se escaparmos, será na banda alagoana. Se formos para o fundo, no céu ou no inferno a gente se encontra e você me contará isso direitinho, seu filho de uma égua". Acocorei-me e pus-me a esgotar aquela miséria com o chapéu. Os viajantes machos fizeram o mesmo e as mulheres dos rosários, chamadas à ordem, agarraram cuias e caíram no trabalho. Tempo perdido. Gastávamos fôrça e o traste cada vez mais se enchia. Desanimei, ia entregar os pontos quando me veio de repente uma idéia, a idéia mais feliz que Deus me deu. Lembrei-me de que tinha no bôlso da carona um formão e um martelo, comprados para o serviço da fazenda. Muito bem. Veio-me a idéia, dei um salto, fui à carona, peguei o formão e o martelo, fiz um rombo no casco da canoa. Os companheiros me olhavam espantados, julgando talvez que eu estivesse doido. Mas o meu juízo funcionava perfeitamente. Imaginam o que sucedeu? A embarcação se esvaziou em poucos minutos, continuou a viagem e chegou sem novidade a Pôrto-Realdo-Colégio. Natural. A água entrava por um buraco e saía por outro. Compreenderam? Uma coisa muito simples, mas se eu não tivesse pensado nisso, alguns pais de família e três devotas teriam acabado no bucho da piranha. Desembarcámos na terra alagoana. Aí chamei de parte o canoeiro, sem raiva, e dei-lhe meia dúzia de trompaços, que o prometido é devido. Êle se defendeu (era um tipo de sangue no olho) e propôs camaradagem: — "Seu Alexandre, vamos deixar de besteira. O senhor é um homem". Ficámos amigos, fomos para a bodega e passámos uma noite na prosa, bebendo cachaça.

Handwritten text in a cursive script, possibly a form or ledger. The text is arranged in several lines, with some characters resembling numbers and others resembling letters. A horizontal line is drawn across the middle of the page, separating the upper and lower sections of the text.

Handwritten text in a cursive script, continuing from the upper section. The text is arranged in several lines, with some characters resembling numbers and others resembling letters. A horizontal line is drawn across the middle of the page, separating the upper and lower sections of the text.

Moqueca





VOU contar a história da cachorra e do porco brabo, anunciou Alexandre aos amigos uma noite, escanchado na rede. Já falei nisto uma vez, se não me engano, quando me referi ao veado e às duas araras. Lembra-se? Os senhores conheceram nesse dia o alcance da lazarina que meu irmão tenente me ofereceu. Ora muito bem. Essa cachorra de que vou tratar hoje era uma pobre de Cristo, feia, magra, e apareceu aí no pátio, sem ninguém saber donde tinha vindo, esfomeada e cheia de peladuras. Latia que era um deus-nos-acuda, coçava-se nas estacas das cercas, esfregava-se nas pernas da gente e fazia nojo. Eu por mim não queria aquela infeliz em casa, mas Cesária,

que tem um coração de ouro, tomou conta dela, deu-lhe comida e curou-lhe os achaques.

— Foi porque vi logo que a cachorra era diferente das outras, explicou Cesária, lá da esteira. Preta como carvão, tinha a ponta do rabo branca e uma estrêla na testa. Êstes sinais não falham.

— Estão ouvindo? Exclamou Alexandre encantado com a sabedoria da mulher. Esta Cesária nasceu de encomenda. Que tino! Pois eu não percebi nada: a cadelinha preta, de rabo branco e estrêla na testa, parecia-me igual às outras. E nem prestei atenção às primeiras habilidades dela. Depois é que asuntei: aquilo não era procedimento de cachorro ordinário. Diga-me uma coisa, mestre Gaudêncio, com franqueza: o senhor acredita em artes do diabo?

— Sem dúvida, seu Alexandre, respondeu o curandeiro. Quem não acredita? Tenho tirado com reza muito espírito mau do couro de cristão.

— Pois, mestre Gaudêncio, continuou o dono da casa, foi no capeta que eu pensei quando a cachorra botou para fora o que sabia. Mas Cesária fêz uma oração forte em cima dela, o estouro que eu esperava não veio e, com os poderes de Deus, ficou provado que a bichinha era bem procedida. Entendia perfeitamente a linguagem das pessoas. Eu às vezes dizia, para experimentá-la: — “Moqueca, você hoje vai dormir no chiqueiro das cabras”. Ela balançava a cabeça, metia-se no chiqueiro e não saía de lá nem por decreto. — “Moqueca, vá comprar um quilo de bacalhau na cidade”. Moqueca segurava o dinheiro com os dentes, galopava para a rua, entrava numa bodega, ia direito à barrica de bacalhau, fazia a compra, pagava, tudo sem êrro, pois ninguém se enganava com as intenções dela. Acabado o negócio, voltava correndo, carregando o embrulho. Contava como um cobrador de imposto, e quando um caixeiro lhe deu no trôco uma nota falsa, Moqueca latiu, protestou, chamou a atenção do povo e da autoridade. Estas miüdezas não têm relação com o porco brabo: servem apenas para mostrar que a cachorra sabia onde tinha as ventas. A especialidade dela era a caça.

Caçava sòzinha bichos pequenos: enchia a casa de coelhos, preás, mocós, tatus, cutias e aves de pena. E se achava roteiro de animal graúdo, chegava aqui ladrando, corria de um lado para outro, fazia barulho. Só se acomodava na capueira. Foi num dêsses dias que se deu a desgraça, de que talvez vossemecês tenham tido notícia, porque o caso se espalhou. Moqueca estava pejada, com a barriga pela bôca, e a gente esperava que a qualquer momento desse cria. Uma tarde apareceu aí no pátio, latindo, subiu ao copiar e roçou-se nas minhas pernas, dizendo lá na língua dela que havia no mato um bicho grosso, bom para matar. Tentei sossegá-la e falei assim: — “Moqueca, você com êsse bucho não agüenta rojão. Vá deitar-se, vá coçar as pulgas e descansar”. Ela não aceitou o conselho e continuou a puxar-me a perna da calça com os dentes. Como não havia meio de aquietá-la, fui buscar a espingarda no jirau, pus a tiracolo o aió, onde guardava o chumbeiro, o polvarinho e as espolêtas. Entrá-

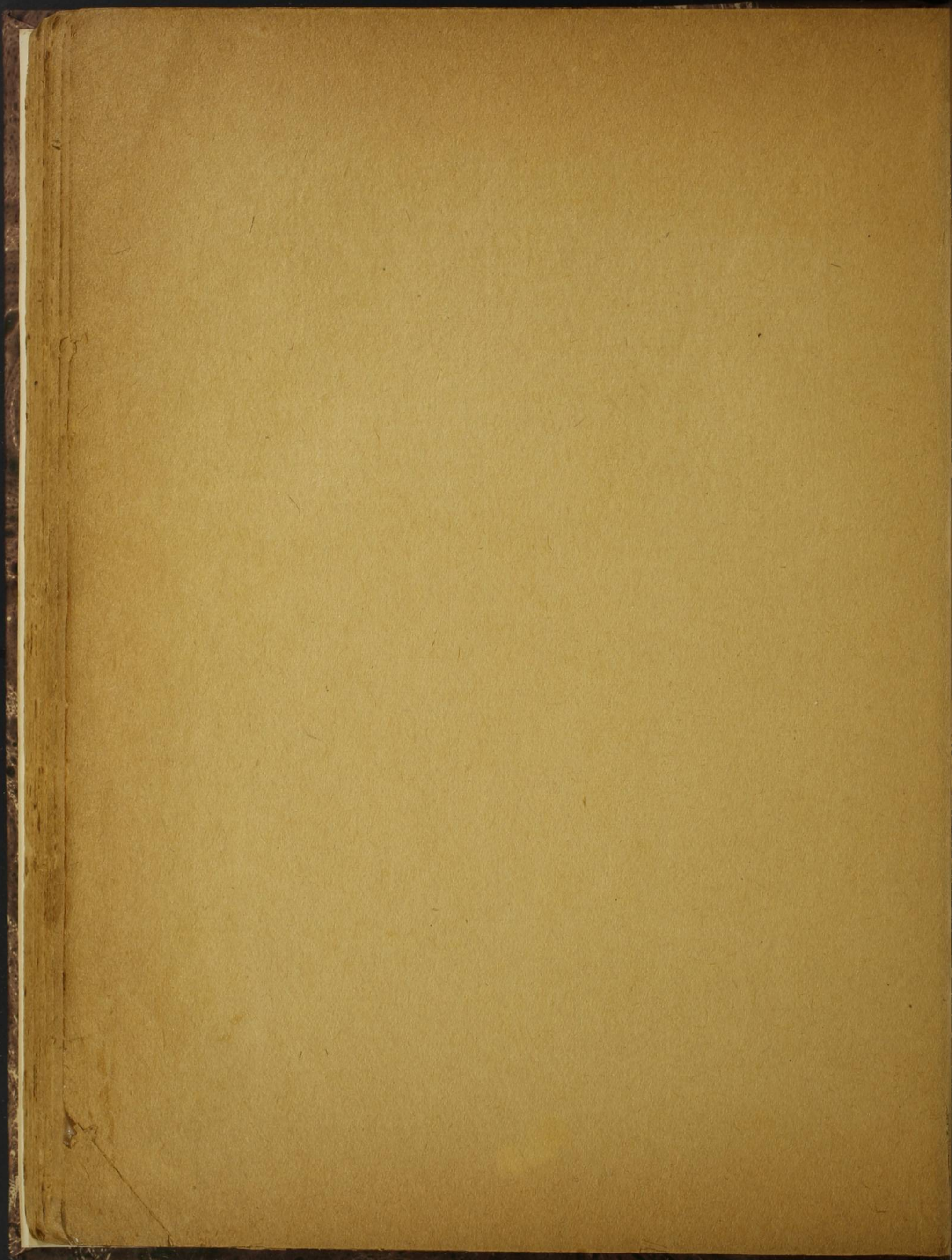


mos na catinga, e aí a pobrezinha começou a mexer-se com dificuldade, arfando, num trote curto, o focinho para cima, farejando mal. Parece que havia sinais cruzados de animais diferentes, porque a cachorra ia e vinha, latindo esmorecida, sem atinar com um rasto. Aborrecido daqueles manejos, sentei-me, acendi um cigarro e peguei a falar só, recordando coisas antigas, do tempo em que eu e Cesária vivíamos de grande. Os latidos enfraqueceram, enfraqueceram, afinal se sumiram. Pensei no bode, na onça, no papagaio que não mostrou para quanto prestava porque morreu de fome, no olho coberto de formigas, este olho que nunca pude encaixar direito no buraco do rosto e assim mesmo enxerga melhor que o outro. Ora muito bem. Onde andaria o diabo da Moqueca, pesada, com aquela barriga que estava por acolá, perdida entre cipós e espinhos, correndo atrás de um vivente ligeiro? Levantei-me, decidido a voltar para casa, ajeitei no ombro a correia do aió e a espingarda. A cadelinha que fôsse para o inferno: ia recolher-me, não havia de ficar ali, esperando os caprichos dela. Ainda levei a mão à orelha, estive um minuto procurando a voz de Moqueca no barulho da catinga. Afastei-me desanimado, entrei numa vereda, com o pensamento longe da caça. Ia anoitecendo. Ouvi pancadas de asas; os olhos de um bacurau desceram e subiram, como duas tochas. Depois foram miados de gato, roncos de suçuarana, urros de bois assustados. Tudo se calou. Quando pisei no copiar, estirei a vista pelo mato e percebi sem querer, muito para lá da ribanceira do rio, a umas duas léguas daqui pouco mais ou menos, a cachorra fincando os dentes no sedenho de um bicho acuado junto a um mulungu. Em redor havia umas coisinhas que não distingui bem. Encostei a espingarda à cara, dormi na pontaria, a carga bateu na pá do bicho. Botei-me para êle. Andei, cortei caminho, cheguei ao mulungu, onde um porco brabo espumava, sangrava e estrebuchava, com vontade de morrer. A cachorra já tinha morrido e estava num estrago medonho: o espinhaço quebrado no meio, as tripas de fora, completamente espatifada. Pelos buracos da barriga tinham saído vários cachorrinhos que, ali perto, criaturas de boa raça, latiam danadamente, os dentinhos agarrados

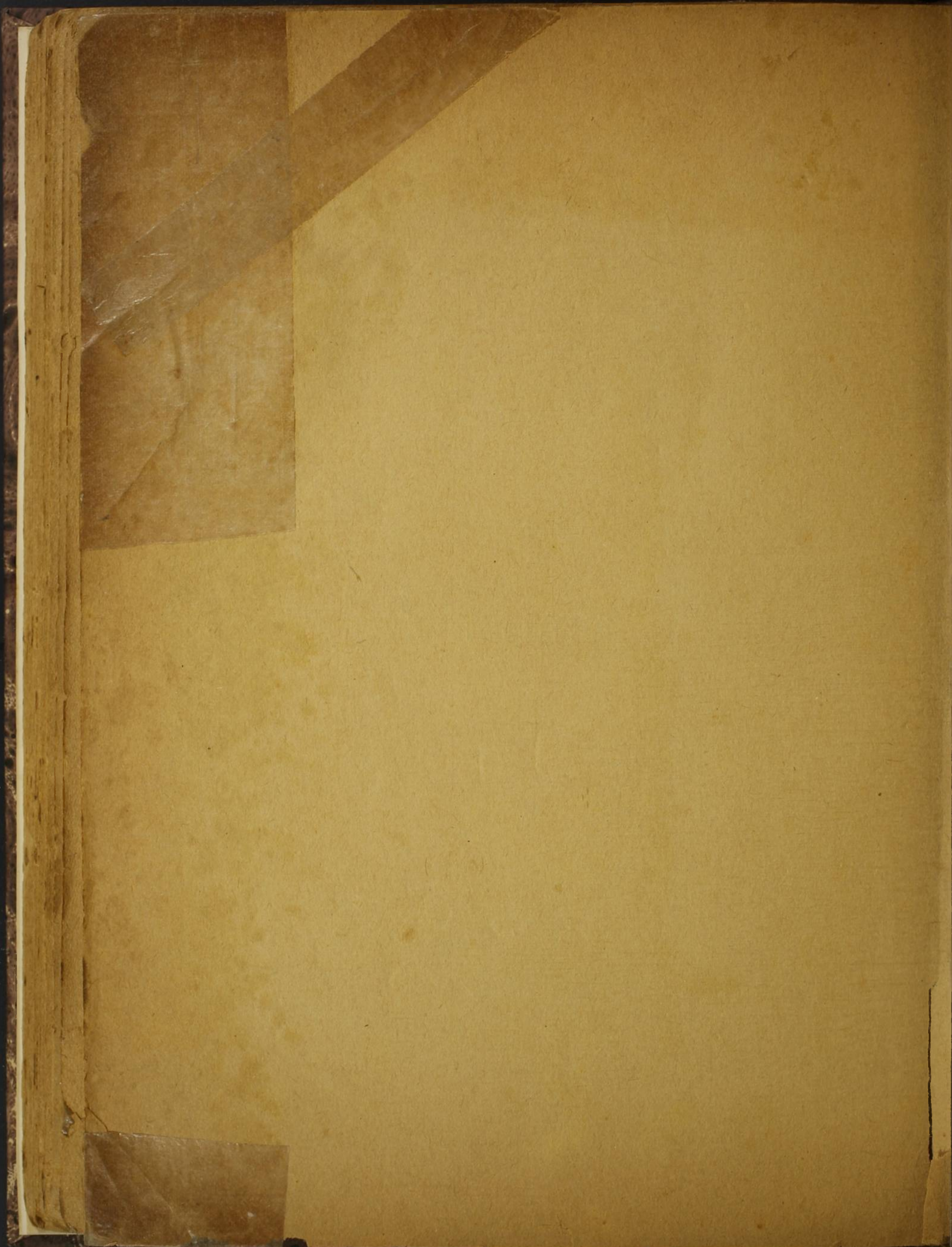
no couro do porco. Latiam direito, em conformidade com o costume. Mas um diferia dos outros: fazia "Hom! hom! hom!", muito rouco e muito fanhoso. Pobre da Moqueca. Um fim tão triste! Fui examinar os cachorrinhos, saber porque um gorgolejava daquele jeito. Sabem o que havia acontecido? No momento de estripar a mãe o porco tinha cortado o pescoço dêle. E o infeliz, sem cabeça, queria proceder como os irmãos. Coitado. Finou-se ali, com poucos minutos de vida, roncando em cima da obrigação. Quem é bom já nasce feito, não é verdade? O sangue tem muita fôrça. Escaparam três cachorrinhos.

— Me arranje um, seu Alexandre, pediu o cego. Estou precisando de guia, e um animal dêsses vinha a propósito.

— Não é possível, seu Firmino, respondeu o dono da casa. Andaram por aí uns tempos, mas desapareceram, acabaram-se. O que tem valia não dura, seu Firmino.

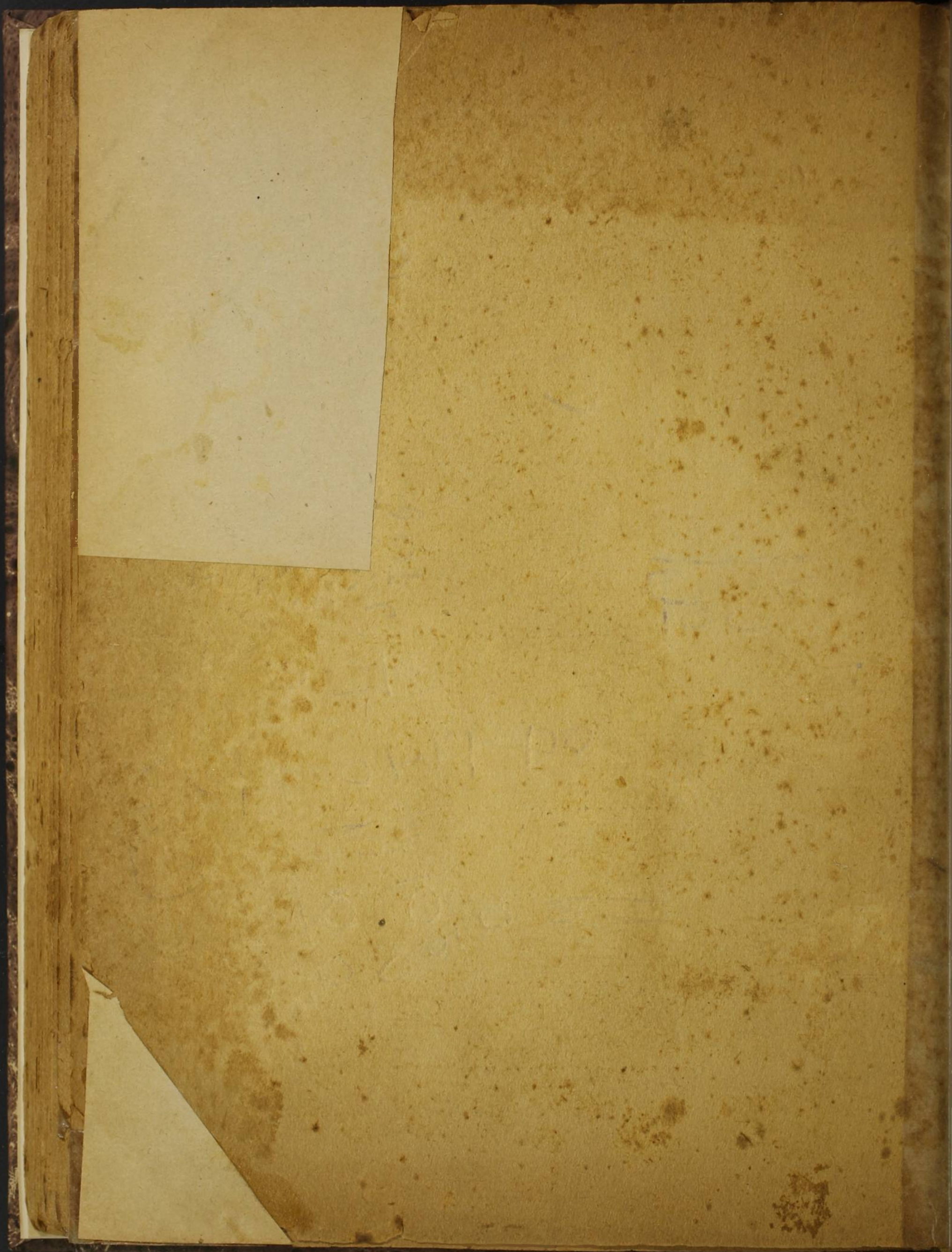


ÍNDICE



Í N D I C E

Prefácio	7
Primeira história verdadeira	9
O olho torto de Alexandre	19
O estribo de prata	29
A safra dos tatus	39
História de uma bota	49
Uma canoa furada	57
Moqueca	67



22943

